

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Abril - 2020
Ano LXXI - Nº 2
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00



Arte em tempos de pandemia

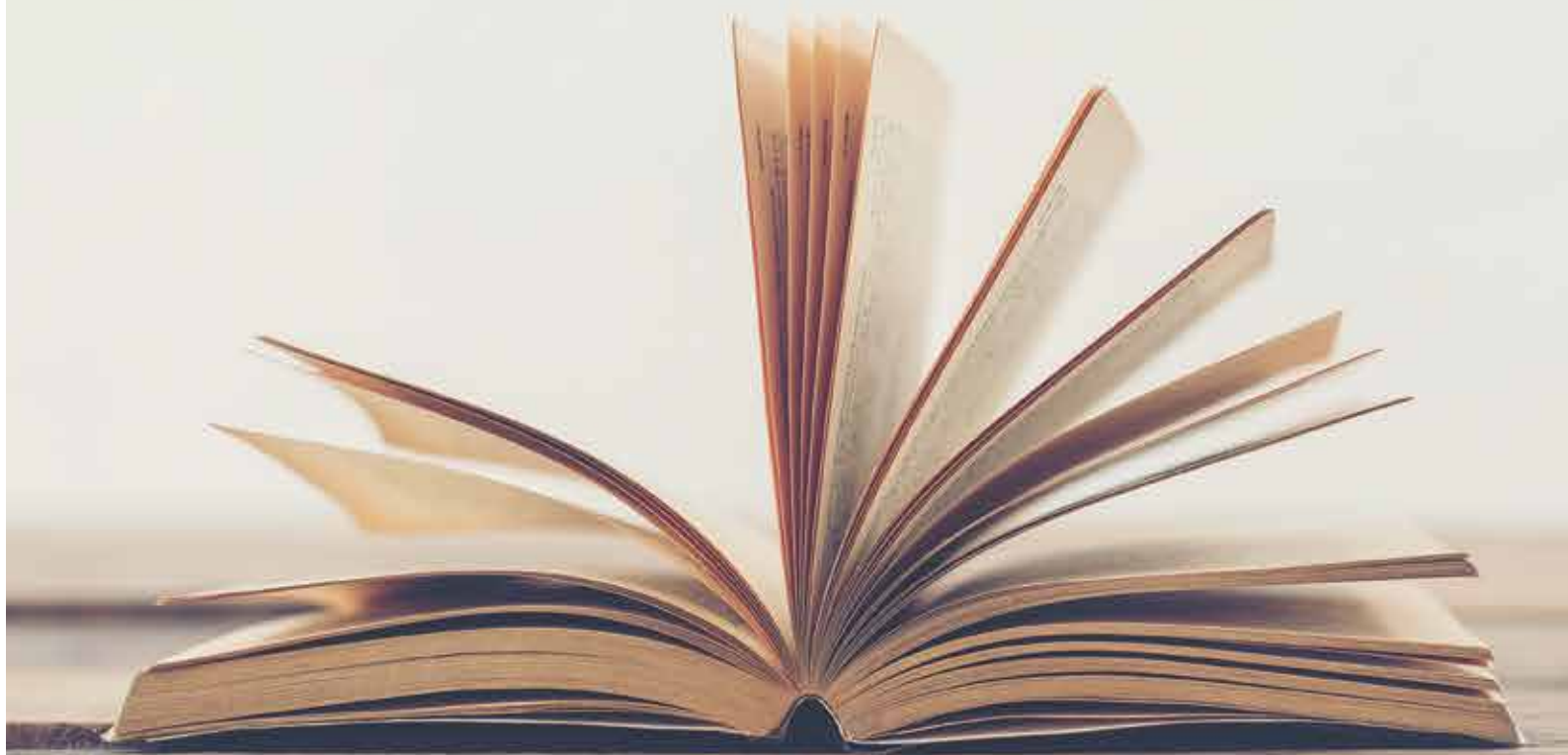
Como os setores artísticos estão lidando com a crise provocada pela disseminação do coronavírus? As produções que surgem a partir do isolamento social e a necessidade de se reinventar a partir de uma nova dinâmica

Dia do
livro

23 de abril

MARKETING EPC

A literatura é uma festa!



A necessária recriação da cultura

A covid-19, doença provocada pelo coronavírus, até aqui já fez muita gente adoecer (da cabeça, inclusive), muita gente morrer, muita gente chorar, muita gente perder. Mas também, muita gente se reencontrar, renovar, recriar. Não é uma “gripezinha”, é, entre tantas coisas, um desafio que fará o mundo ser outro, logo mais à frente.

O único remédio eficaz contra a disseminação do coronavírus, até o fechamento desta edição, era manter-se em isolamento social, o “fique em casa”, palavra que vem sendo dita com veemência há aproximadamente dois meses. Sem esse esforço, nosso quadro de enfermos e óbitos poderia ser drasticamente pior.

Entrincheirada entre espirros, febre e falta de ar e a assustadora ameaça de colapso no sistema de saúde, a arte resiste como pode, não só como força criativa, mas como modelo de negócio que faz a economia girar.

A música abraçou as chamadas “lives”, que emergiram do

**Entrincheirada
entre espirros,
febre e falta de ar
e a assustadora
ameaça de
um colapso
no sistema
de saúde, a
arte resiste como
pode**

sofá de músicos e intérpretes. A produção cinematográfica liberou seus filmes na internet. A quarentena inspira contistas, romancistas, poetas, pintores, esculptores, chargistas, roteiristas, dramaturgos.

Com esse foco, a reportagem do Correio das Artes foi

até artistas dos mais variados seguimentos procurar saber do impacto do isolamento social nos mais diversos recantos da cultura. Observou que uns se reinventam, outros criam, alguns esmorecem.

Uns acharam uma maneira de compor e mostrar seu trabalho, sobretudo graças a internet, mas outros encontram dificuldade para se expressar e, sobretudo, fechar as contas do mês.

É disso que trata a matéria de capa deste mês, afinal o Correio das Artes, com seus 70 anos de vida, não poderia ficar alheio a um acontecimento histórico que certamente mudará os rumos do planeta a partir de agora.

E para além da reportagem de capa, há poemas, contos e expressões de colaboradores ilustres que encontraram nessas obras - publicadas aqui, pela primeira vez - uma forma de encarar esse estranho mundo novo.

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

índice



CONTO

Com uma personagem em isolamento social, a escritora Raquel Naveira sintetiza a pandemia do novo coronavírus e seus efeitos mundo a fora.



HISTÓRICO

Hildeberto Barbosa Filho mergulha em 'Ensaios de Crítica e Filosofia', de Alcides Bezerra, obra que, em seu centenário, ganhou reedição fac-similar.



CINQUENTENÁRIO

O poeta Sérgio de Castro Pinto reencontra, em entrevista exclusiva, o contista mineiro Jaime Prado Gouvêa, que acaba de fazer 50 anos de literatura.



DE OLHO NA PB

As relações entre Raul Seixas e nomes ilustres da Paraíba são reveladas em livro de Jotabê Medeiros sobre o músico baiano.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

A arte e a cultura

EM TEMPOS
DE CORONAVÍRUS

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

mael e pela cantora Val Donato, o projeto já teve três edições e vem mobilizando a classe musical. Val Donato diz que a ideia do projeto surgiu no início do isolamento social. “Todo mundo sabia que aqueles artistas que vivem exclusivamente da arte, da música, estariam bastante carentes, ficariam com suas fontes de renda totalmente comprometidas, e era uma preocupação de ajudar esses artistas que só trabalham com arte. E, ao mesmo tempo, todo mundo querendo manter o contato com o público, trocar ideias. Todo artista gosta de se apresentar, de tocar, de cantar. Também de gerar esse espaço para acontecer essa conexão nesse período de isolamento”, explica.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Foi a partir daí que veio a ideia do festival, graças à iniciativa da produtora Dina Farias, que é de Portugal mas está radicada na Paraíba. O projeto funciona com apre-

Fique em casa! Nunca essas três palavras juntas foram tão pronunciadas como nos últimos dias em todas as partes do mundo. Os riscos provocados pelos efeitos do novo coronavírus na população fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) orientasse as pessoas a ficarem em casa durante esse período de proliferação da doença, confinados ou em quarentena. A classe artística e o segmento cultural também seguiram as orientações da OMS e, para sobreviverem a essa crise, muitos artistas e escritores estão fazendo “lives” em redes sociais ou investindo em projetos para serem executados quando a pandemia do coronavírus passar.

Na Paraíba, a grande sensação tem sido o projeto #EuFicoemCasaPB. Ancorado pela jornalista Gi Is-



Gi Ismael (acima) e Val Donato (ao lado) conduzem o projeto #EuFicoemCasaPB, iniciativa que tem músicos locais



Através do QR Code, assista às “lives” já realizadas pelo projeto #EuFicoemCasaPB

▶ sentações de artistas via canal no Youtube. A primeira edição aconteceu de 21 a 28 de março com 56 atrações; a segunda contou com mais 20 atrações e a terceira teve como destaque Chico César, entre outros artistas. “É diferente da maioria das ‘lives’ que estão acontecendo, porque nossa transmissão é pelo Youtube, no Instagram tem também, a gente repete o sinal, mas a principal é no Youtube”, informa Val Donato.

Segundo ela, é um momento de encontro, apesar de virtual, sem o olho no olho. “O sentimento é de saber que em mente estamos todos focados na mesma sintonia, na mesma vibração, e isso, por si só, em tempos de isolamento social, é algo que é inédito para todos nós, que mexe com todo mundo. É uma apresentação diferente”, afirma, acrescentando que atrelado a apresentação, há uma “vaquinha” virtual que visa arrecadar dinheiro que é rateado entre os artistas da programação que vivem exclusivamente da música.

Para Gi Ismael, a adesão dos artistas tem sido muito positiva. “Tem nomes sobrando querendo participar. Vai ter pano para muita manga ainda. O público tem sido legal, muita gente assistindo as ‘lives’. O objetivo, além de estimular a ficar em casa, é fazer uma vaquinha para os artistas, passar o chapéu virtual. O primeiro foi um sucesso, com apoio da Funesc, Energisa. Temos tido um público fiel. E fica gravado no canal do Youtube, pode conferir depois, mesmo quem não acompanhou ao vivo”, acrescenta.

O Governo do Estado não ficou alheio a toda essa movimentação e buscou formas, também, de incentivar a classe artística nesse período de confinamento. Nesse sentido, lançou o edital “Meu Espaço – Compartilhando Cultura”. Os projetos selecionados vão receber um apoio de R\$ 1 mil cada do governo através da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc). O edital pretende estimular o isolamento domiciliar e auxiliar artistas que foram impedidos de mostrar sua arte.

FOTO: MARCOS RUSSO



Flávio Tavares tem feito um diário gráfico para suportar os dias de confinamento

PARA ARTISTA, PANDEMIA É “SUTILEZA MORTAL”

Fora da esfera musical ou do apoio público, os artistas e escritores se viram como podem para conciliar o confinamento com a produção artística e intelectual. O Correio das Artes ouviu diversos nomes representativos de alguns segmentos culturais do estado.

Um dos maiores nomes das artes plásticas e visuais do Brasil, Flávio Tavares se confessa extremamente triste e revoltado com o que ele chamou de “mórbido adorador da morte: Bolsonaro”. Nesse confinamento, Tavares tem feito um diário gráfico. “Acordo várias vezes durante a noite, e quando acordo de verdade vejo que estou dentro de um grande pesadelo. Penso sempre na população desprotegida, não sei que fazer, acho que a humanidade está mudando para melhor. Luz nas trevas!”, acredita.

Tito Lobo, outro nome das artes plásticas ouvido pela reportagem, entende que essa pandemia veio com uma “sutileza mortal” de que o egoísmo não enriquece, nem encanta, e só o coletivo de projetos de socialização das comunidades através da arte poderá salvar as tribos. “Esse vírus fez com que eu me aproxi- ▶

▶ masse mais ainda do respeito e amor ao próximo, como sempre fiz, agora com mais firmeza e sabendo que só a arte pode salvar a humanidade. Estou aproveitando muito o confinamento para produzir arte e fazer uma reflexão de como eu poderei melhorar como ser humano, como gente, pensando sempre na valorização da vida”, admite.

Para ele, essa epidemia veio em boa hora, porque a humanidade desrespeitou as regras dos deuses, “expondo dentro de si o poder do desamor, arrogância, egoísmo, perversidade etc.”. “Deixei de vender várias obras está semana, porque acho que minha vida é mais importante e o meu objetivo sempre foi o de realizar a socialização das comunidades através da arte. Isolamento é um ato de cidadania, serve também para você lapidar a alma e produzir coisas que possam fazer estremecer o mundo”.



Tito Lobo: “Isolamento é um ato de cidadania, serve você lapidar a alma e produzir coisas que possam fazer estremecer o mundo”

FOTO: REPRODUÇÃO

TEATRO É UM DOS SEGMENTOS MAIS AFETADOS

Por ser uma atividade que depende muito do público presencial, o teatro tem sido um dos segmentos mais atingidos pela pandemia do novo coronavírus. Ator, design gráfico e produtor cultural em Cajazeiras, Wanderley Figueiredo lembra que as produções em teatro dependem de pessoas e de eventos, portanto de aglomerações. “Com a adoção do isolamento social, nossas produções foram todas canceladas, ficando os prejuízos incalculáveis”, detalha ele, que é fundador da CZ Produtora, que

atua desde 2018 na região do Alto Sertão paraibano.

A produtora teve que cancelar produções que já estavam em andamento, como lançamento do longa-metragem *Beijo de Estrada* (de Eliézer Rolim), espetáculos *Pastoril Profano*, *Pequenino Grão de Areia* e *Dom Quixote* e a 2ª Mostra Cajazeirense de Teatro. “O nosso setor foi o mais prejudicado, pois foi o primeiro a ser afetado com medidas adotadas pelo isolamento, como também será o último a voltar a funcionar. Como não contaremos com o dinheiro do ingresso vendido

nos espetáculos, toda uma cadeia produtiva, que inclui dezenas de outras profissões e atividades, diretas e indiretas que vão de profissionais, técnicos que atuam por trás dos palcos e das câmeras, até uma vasta rede de fornecedores e autônomos que vendem pipoca, água, refrigerantes e cervejas na porta do teatro e das casas de shows em dias de eventos, estão prejudicados”, lamenta.

Wanderley declara que com a crise instalada e o setor cultural parado, foi hora de reinventar-se, (re)planejar ações de curto e médio prazo. “Estamos levando informações e dicas sobre a pandemia. Realizamos uma ‘live’ com recortes poéticos, transmitida através de nossas redes sociais, chegando a nossos seguidores. Participo de um grupo de poesia criado com o objetivo de aproximar poetas e simpatizantes de todo o Brasil. O grupo de WhatsApp traz alívio ao tédio provocado pelo confinamento, é luz em tempos sóbrios, é vida em meio ao caos e mortes mundo afora”, comenta. ▶



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para o produtor Wanderley Figueiredo, o teatro foi um dos primeiros afetados pelo isolamento e será o último a voltar a funcionar



"Acredito que é um momento de muito reflexão, de pensar o que vai ser a arte e a vida após essa experiência única", avalia o ator e produtor Buda Lira

▶ ENTRE PLANILHAS E LEITURAS

Já o ator Buda Lira tinha acabado de fazer um teste para uma série e também estava se organizando para fechar entendimentos com uma agência de atrizes/atores, antes da crise do novo coronavírus. "Tem uma outra série em São Luiz (MA) que já vinha sendo adiada bem antes dessa quarentena. Afora três longas, um curta e uma série que aguardam estreias", anuncia o ator e produtor.

No momento, Buda Lira está cuidando da pós-produção do Bloco Cafuçu, uma vez que teve projeto aprovado na Lei Rouanet e obteve parte dos recursos justamente na semana do desfile. "Estamos enfrentando um verdadeiro calvário para que os recursos já captados sejam liberados e o bloco possa cumprir as suas obrigações com os fornecedores. Também estou aproveitando para ler e ver filmes. Acabei de concluir a leitura do *Um Defeito de Cor*, romance de Ana Maria Gonçalves, uma saga dos escravos no Brasil e na África. Também trabalhando levemente em projetos para 2021 – gestão e produção. "Na área da criação,

estou quietinho, aguardando passar esse momento de grandes dificuldades para o país e o mundo".

Buda avalia que, de uma maneira geral, quase todas as áreas que dependem da junção de mais pessoas em quantidades mínimas foram atingidas – música, audiovisual, dança, circo, teatro, etc. "As pessoas – artistas e público – têm se valido das 'lives' para se manterem próximas. Ainda bem que se pode contar com a tecnologia nesse momento. Acredito que é um momento de muito reflexão, pensar o que vai ser a arte e a vida após essa experiência única para todas as pessoas. Claro que agir também na direção da solidariedade, colaborando com quem é mais atingido nas suas necessidades básicas, alimentação e prevenção, buscando contribuir para a campanha do isolamento. Além da luta para superar a pandemia, ainda tem a batalha da comunicação, fazer entender que a melhor saída é seguir os exemplos de países que fizeram a prevenção e puderam evitar uma tragédia maior".

LITERATURA

A produção literária em tempos de confinamento até pode ser feita em casa, mas também não é nada fácil o isolamento social. O escritor Tiago Germano juntou a fome com a vontade de escrever e tem texto seu publicado no livro *Contos de Quarentena*, organizada por Mauro Paz. A antologia tem como objetivo levar a literatura contemporânea para aqueles que estão em casa na luta contra a proliferação do coronavírus. A publicação tem distribuição no site da Revista Vício Velho e na Amazon Brasil.

O título do conto de Tiago na coletânea é "Cheek to Cheek". "Eu o escrevi quando estava no isolamento em Norwich, na Inglaterra, antes de voltar a João Pessoa temendo o fechamento das fronteiras. A ideia surgiu porque eu estava lendo um livro da Zadie Smith, *Swing Time*, que me animou a rever os filmes da dupla Ginger Rogers e Fred Astaire na quarentena. Me lembrei que os conheci não nestes filmes, mas na cena do filme *À Espera de um Milagre*, que dialoga com *O Picolino*, e por coincidência o Tom Hanks (ator do primeiro) havia acabado de confirmar que contraíra a Covid-19, sendo um dos famosos acometidos pela doença. A crônica cruza todos estes fatos com a minha experiência acompanhando a progressão da pandemia, num país estrangeiro", observa. ▶



Tiago Germano vivenciou o início da pandemia na Inglaterra, experiência que lhe rendeu um conto

FOTO: DIVULGAÇÃO



Através do QR Code, baixe o ebook 'Contos de Quarentena', em PDF ou EPUB



▶ Tiago afirma que escrever nesse contexto tem sido algo bastante difícil, não apenas pelo impacto psicológico da situação, mas também pelas mudanças que ela ocasiona na rotina. “Ao mesmo tempo, acho que a pandemia fez crescer a sensação geral de que a literatura - a arte, num viés mais amplo - é um importante instrumento de expressão e identidade. Ela não somente nos ajuda a criar uma rede de empatia - um dos nossos escudos contra tragédias globais como esta - mas também torna nossa existência um pouco mais suportável. Isso sem contar seu potencial historiográfico: é através dela que outras gerações saberão de nossa experiência em meio à pandemia, é ela que dará algum sentido (se algum sentido houver) aos milhões de vidas que estamos perdendo”.

Tiago tem aproveitado o tempo de confinamento para ler muito e escrever resenhas sobre os livros que lê num Instagram chamado @paginacorrida. “Umberto Eco dizia que a boa literatura ensina a morrer. Ela tem me ajudado, na verdade, a sobreviver a estes tempos”, teoriza.

Poeta e militante do Movimento dos Sem-Terra, a cajazeirense Eva Vilma Bezerra destaca que por ser do MST normalmente tem uma vida bem corrida, entre reuniões com movimentos diversos e a base em áreas de assentamentos e acampamentos. “Com esta pandemia tive que me adequar a uma nova realidade, ficar em casa, parar de viajar para nossas diversas áreas, me adaptar, ficar um tempo maior com a internet, resolvendo algumas coisas que ainda estão ao meu alcance, passando informações

em relação aos cuidados e participando de reuniões on line”.

Ela reconhece que a concentração está bastante complicada, pela tensão gerada e a ansiedade de não saber as consequências de tudo isto. “Como tudo na vida há dois lados, a parte boa foi o convívio com meus filhos de forma mais intensa, haja vista ter uma vida dedicada a causa e a luta pela Reforma Agrária, então estou tendo a oportunidade de conviver mais de perto, fazer coisas do dia a dia, ter prazeres com coisas simples e essenciais da vida e me dedicar mais em escrever meus textos e poesias que nunca posso por falta de tempo. A poesia faz parte da minha vida e do meu cotidiano”.

E acrescenta: “São dias estranhos e cinzentos, mas certamente a oportunidade que a humanidade terá de olhar para dentro de si, reavaliar atitudes, dar mais valor às coisas simples da vida, reinventar-se, ser mais solidários e entender que isto aqui é apenas uma passagem rápida e se não tivermos sonhos e não praticamos o bem ao próximo nossa existência aqui não terá sentido”.

O poeta Sérgio de Castro Pinto, que está com um livro de ensaios sendo editado para ser lançado ainda este ano, diz não comungar com aqueles para os quais “o poeta só é grande se sofrer”.

– Neste isolamento claustrofóbico a que os mais conscientes se impõem, a criação literária dista anos-luz de mim, quase como se estivesse infectada com o coronavírus e eu evitasse ao máximo a sua aproximação. A preocupação é mais com os meus do que comigo mesmo, a revolta e a indignação

com o insano Bolsonaro, o Doido Ruim – muito diferente do maluco beleza –, não me permitem outra coisa senão ler. É o que eu estou fazendo aos trancos e barrancos. E agora, para atender a convocação do amigo, escrevendo estas mal traçadas linhas, ao mesmo tempo em que acompanho o périplo do Doido Ruim pelas ruas de Brasília, com(boi)ado por uma legião de espevitados Doidinhos do Mal, alguns movidos pela ignorância, outros pelo ódio cego ou por interesses escusos - desabafa.

CINEMA

Na sétima arte, a situação também não é das melhores. “A pandemia agrava a situação da produção de cinema, e, pra piorar, as empresas operadoras de telecomunicações entraram com uma liminar contra a contribuição à Ancine para o desenvolvimento da produção de cinema brasileiro. A liminar já foi acatada pela justiça. É a última pá de cal no desmonte da nossa produção que vem sendo orquestrado pelo atual governo federal. Assim como na pandemia, o que pode nos salvar são as políticas de governos estaduais e municipais de incentivos ao nosso cinema”, critica o cineasta Torquato Joel.

Torquato diz que, por sorte, tem um filme – “Corpo da paz” –, seu segundo longa, com material já gravado, e está aproveitando o confinamento para finalizá-lo. Além disso, pesquisa e desenvolve um novo roteiro.

Já o cineasta Marcus Vilar informou que está trabalhando em um filme onde foi chamado pra co-dirigir, um longa-metragem, que será realizado fora da Paraíba. “Íríamos filmar em junho e julho, mas devido a situação do momento, está sendo adiado. Não posso adiantar nada agora sobre esse projeto, porque ainda está muito no começo”. ✖

Linaldo Guedes é poeta paraibano. Publicou “Os zumbis também escutam blues” (1998), “Intervalo Lírico” (2005), “Metáforas para um duelo no sertão” (2012) e “Tara e outros otimismo” (2016). Reside em Cajazeiras, Paraíba.

Isolada nesta casa

Raquel NaveiraEspecial para o *Correio das Artes*

Estou isolada nesta casa, no centro do mundo. Escribo, copio textos rituais. Tomo atitude e posição em relação a forças que caminham lá fora: pragas, pestes, epidemias, chuvas malignas, góticulas virulentas, que insistem em entrar pelas portas, pelas frinchas, pelos vãos do telhado e da consciência. A Terra, li nesta página, não disfarça mais seu drama, não encobre mais seus mortos, que se empilham nas calçadas, nas valas, nos caminhos, nos frigoríficos.

Movimento-me dentro da casa como um fantasma pela sala. Abro e fecho as cortinas de veludo roxo. Desço até o porão, subo ao sótão, removo poeiras e recordações, cozinho bolotas de carne, busco refúgio num travesseiro, como se fosse o seio da minha mãe. Mas o sono é pouco, o sangue arde, a sede nunca é mitigada. Batidas do relógio se sucedem numa cadência de opressão.

Quando criança, eu me sentia, ao mesmo tempo,

uma menina solitária e uma velha, muito sábia, conhecedora de sortilégios, de coisas humanas e divinas. Agora, nesta casa cheia de quartos, vive aquela velha que fui. Uma mulher arquivelha, que consultou inúmeros livros, testemunhou tantas histórias, que nem tem vontade de contá-las a ninguém. Relatos que pertencem a um passado onde acender lampiões no fim da tarde, para admirar o voo das mariposas em torno da chama, era uma experiência das mais trágicas e estonteantes.

Nesta casa, quase um casulo, aceitei as condições da existência e elas são poucas: nascer, viver e morrer. Da janela, posso tecer fios de seda em direção ao infinito. Permanecer em silêncio por horas, sentindo o ar apocalíptico que paira na rua vazia.

Não posso reclamar, é uma casa resistente, capaz de suportar os blocos gigantes que desabaram em avalanche sobre o teto. Blocos que se espalharam por aldeias e metrópoles, em formas alternadas de coroas e tempestades.

Sou eu mesma nesta casa: com meus cabelos grisalhos, meu cé-

rebro e tripas. Potência de alto risco nas entranhas. Não importa que tudo aqui seja antigo: da cristaleira aos valores que todos desprezam. Continuo fiel ao espírito que me habita e ao qual, um dia, cedi a palavra poética. Uma fidelidade cada vez mais muda e canina.

Este cômodo, apesar de pequeno, na minha mente é palco para um banquete: logo virá o rei, montado em seu cavalo branco e se assentará ao meu lado, com seus servos e o meu povo, minha família distante. Entre taças de vinho, brindarei àquele que ouviu meu chamado na angústia e veio para me livrar de tudo o que me aconteceu: torturas, espadas, dores, coração partido, ingratidões, essa fome de justiça, esse confronto constante com emissários da Pérsia e de outras nações, cobrando seu jugo e seus impostos.

Estou extenuada nesse isolamento. Mal posso me mover na cama. Mas esta casa tem atmosfera de prece. É de uma mulher arquivelha, edificada nas rochas e nas nuvens, pronta para virar lembrança. ❖

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande (MS), onde reside, no dia 23 de setembro de 1957. É escritora, comunicadora, conferencista, militante cultural, pesquisadora e professora. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entre outras instituições culturais. Escreveu vários livros, entre eles: *Casa de tecla* (poemas, Escrituras, 1999, finalistas do Prêmio Jabuti de Poesia) e *Caminhos de bicicleta* (crônicas, Miró, 2010).

Marcos

Atenção, respiro no asfalto quente

A onça o leão e o lobo avisto em uma só colina. Estão ali nos meus dias, sem Virgílio a me guiar nas horas do meu deserto

solitário no asfalto empoeirado

tão longe tão perto de máscaras azuis

ternos brancos

movimentos ternos

uma mulher sem ar

morre agora

uma criança morre agora agora um carcará sorridente e cínico sobrevoa minha cabeça branca

a onça o leão

e o lobo avisto em uma só colina. Meus dias de isolamento são felizes

e incertos como quem joga xadrez com a morte. O rock and roll está sempre aqui na janela do meu quarto e tem queijos na geladeira

só não tenho seu abraço amado, mamãe.

Continuo no caminho sem ar. Respiro

E vejo o caixão sair do jardim florido do vizinho

Um séquito de homens do futuro o seguem. Todos com roupa de astronauta

Nas ruas solitárias e silenciosas. Escuto o vazio do tempo

E respiro sem saber como será o abraço do futuro. Morrerei sem o carinho do meu filho distante?

O abraço do futuro será metálico e somente as flores, as ondas do mar e silêncio

cobrirão nosso corpo de ternura.

Não quero viver no futuro, mamãe, sem o afeto do filho que cresce

Sem o suor da mulher deitada sobre o meu corpo.

a onça o leão e o lobo avisto em uma só colina. Pego água sanitária para os meus sonhos. Eles estarão limpos quando a morte sem ar tomar os meus pulmões

e uma criança olha com olhos de alegria. Olhos ilhados de alegria comem jujubas, chocolates e salgados. Sua doce vida nunca viu felini

nunca escutou o último suspiro adocicado e amargo da morte. Sigo o asfalto enegrecido pelo tempo. A Mercedes constrói respiradores

a Toyota faz máscaras

e os bancos, novas fortunas

entre o ar que nos falta e o vírus que se aproxima a cada dia, a cada noite sem estrela

adormeço e acordo num domingo pascoal tentando sentir o meu corpo. Ainda respiro. Não estou doente,

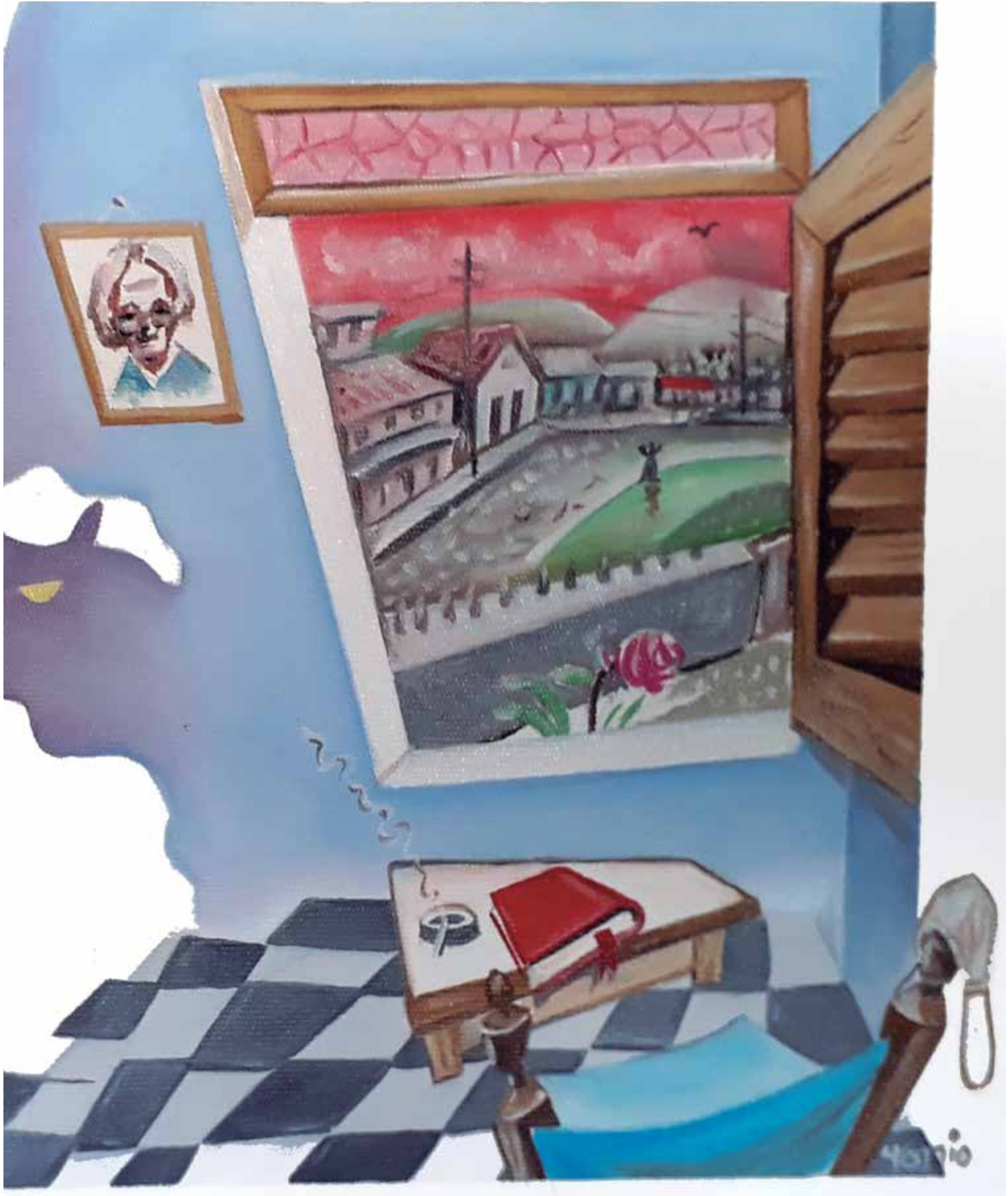
mas meu coração dormiente espregueira a onça, o leão e o lobo em uma colina. Continuo no asfalto

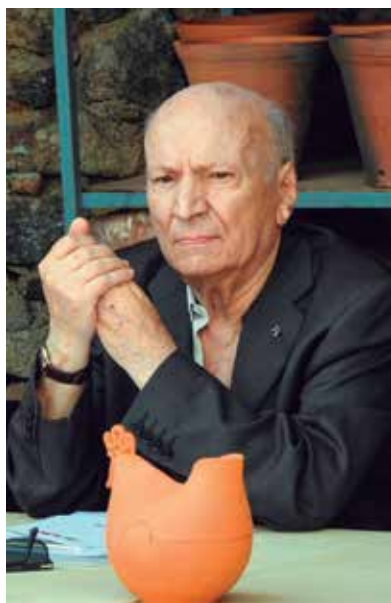
ele sopra um sopro quente de isolamento e solidão. Respiro, apenas.



Alves

ILUSTRAÇÃO: TONIO





FOTOS: DIVULGAÇÃO



Albano e a capa do 'Pequeno Dicionário Privativo', último livro do poeta português

Albano Martins E A POESIA DA NATUREZA

Adelto Gonçalves

Especial para o *Correio das Artes*

Pequeno Dicionário Privativo (Porto, Edições Afrontamento, 2017), de Albano Martins (1930-2018), foi o último livro lançado pelo autor, dono de vasta obra que inclui mais de 34 livros de poesia, cinco de prosa, um de poesia e prosa, quatro de literatura infanto-juvenil, dois em colaboração e 24 de traduções de obras poéticas, além de sete que foram por ele organizados, bem como 25 *Quadras de Natal*, publicado em 2006 pela Universidade Fernando Pessoa, do Porto, que foge a quaisquer dos gêneros acima. Se esta resenha só sai à luz agora, três anos depois da publicação da obra, é por culpa deste resenhista relapso, que recebeu o seu exemplar autografado ainda em abril de 2017, mas a quem, ao saber 14 meses depois do passamento do poeta, faltou-lhe coragem para a tarefa, pois sabia que dele nunca mais receberia resposta para o seu trabalho.

Diga-se que este livro é, na definição de seu autor exposta na dedicatória citada acima, um “dicionário abreviado”, pois nem todas as letras do alfabeto estão contempladas e que, por exemplo, só a letra A recebe oito verbetes-poemas. Mas, como o próprio poeta deixou claro, não o moveu o desejo de formatar um dicionário clássico, que pudesse ser consultado de quando em vez por algum consulente. Foi, isso sim, a maneira que

o poeta encontrou de reunir textos que, com ligeiras alterações, foram pela primeira vez publicados no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Lisboa, sem qualquer intenção de dicionarizá-los.

Como observa na nota que antecede o conteúdo, no livro foram ainda incluídos dois textos – “Elegia para uma gata angorá” e “Infância” –, integrados na obra inédita *Caderno de Argolas*, que encerra o volume *As Escarpas do Dia* (Porto, Edições Afrontamento, 2010), já que, em razão de sua estrutura narrativa, achavam-se “mais próximos dos textos incluídos na segunda parte do mesmo volume”. Dessa maneira, dizia o autor, os dois textos passavam a ser definitivamente incorporados ao *Pequeno Dicionário Privativo*, “desvinculados do contexto onde anteriormente se encontravam inseridos”.

Da obra do poeta, pode-se lembrar o que observou Sônia Maria de Araújo Cintra, em sua tese de doutorado “Paisagens poéticas na lírica de Albano Martins: natureza, amor, arte”, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da professora doutora Raquel de Sousa Ribeiro, mas que contou ainda com o apoio informal do professor doutor Massaud Moisés (1928-2018): “(...) a lírica de Albano Martins constitui e é constituída de paisagens poéticas, entendidas no sentido de recriação verbal de formas do mundo interior e exterior por um sujeito poético, e que se inscrevem num processo da existência e da linguagem, através da origem, da erotização e da abstração artística e intelectual”. (p.14).

Defendida em 2016, obviamente, a então doutoranda não pôde incluir o *Pequeno Dicionário Privativo* em sua alentada análise, mas, se tivesse tido a oportunidade de fazê-lo, com certeza, alinharia alguns exemplos que podem ser encontrados neste livro, que mostram a perícia artesanal, a destreza técnica e os recursos inventivos de Albano Martins, ainda que não sejam específica- ▶

mente poesias em versos livres (ou não), mas verbetes poéticos, ou seja, palavras dicionarizadas que se convertem em poemas, pois dotadas de ritmo. Veja-se, à guisa de exemplo, o verbete “Árvores” em que o poeta recorda a infância em Meimoa, freguesia do concelho de Penamacor, na província da Beira Baixa:

(...) Dormiram comigo, sentaram-se comigo à mesa, foram comigo à escola. Envelheceram. Morreram todas. Cresce hoje a hera onde outrora havia seiva, perfume de flores e de frutos. Sou também uma árvore, ainda de pé, mas, como elas, já sem folhas e sem frutos. Como dizer de tudo isto sem nomear a infância e escutar outra vez o trilo dos pardais nos ramos altos das árvores? (p. 16).

Veja-se também a definição que dá no verbete “Mulher”: “Árvore, fruto, gomo, sumo. A escala – a escada – da volúpia e do prazer. Por ela Orfeu desceu aos infernos. Por ela o homem colhe esporas no abismo” (p. 38). Ou ainda no verbete “Rosa”: “É também às vezes nome de mulher, talvez porque, sendo possuída, se abre como uma flor. Se é esta quem possui, o seu nome verosímil é crisântemo. Ou talvez agapanto. Ou talvez acanto, a flor do canto, a flor-espinho”. (p. 48).

III

Nos textos de maior estrutura narrativa, a poesia da natureza continua ainda mais acentuada, com referências à flora, como se percebe na peça que tem por título “Este chão que me deu a seiva ou esta outra forma de agradecimento”: “(...) Já o disse, repito-o: foi este chão, o chão da Rascoa, que me deu a seiva, me definiu o ser e moldou o carácter. Dele vêm o sol que percorre a minha poesia e o sangue que sustenta as flores que nela medram e vicejam. Depois do leite materno, foram os frutos da terra e as águas da Meimoa que me alimentaram a infância. Eles e o vento que por ali passava às vezes a galope, levando consigo as folhas das árvores, a espuma das horas e a poeira dos dias”. (p. 64).

Na poesia da natureza, também não faltam referência à fauna, como se vê na “Elegia para uma gata angorá”: “(...) Trepava aos móveis, escalava os muros, em-

brenhava-se pela pequena floresta das traseiras da casa, afixava as unhas no tronco da araucária ou da buganvília (ou subia a esta para colher alguma flor esquecida ou aspirar o seu perfume), mordida alguma erva tenra da passadeira, espreitava atentamente o voo dos pássaros e dos mosquitos ou seguia, da janela, os movimentos fugazes da rua. Envenenaram-na. Mataram-na. A morte é um ultraje à beleza, e tu eras bela. Tu eras a Beleza. Aqui o deixo escrito, em jeito de epitáfio, neste sombrio crepúsculo de verão, com as ondas lá embaixo construindo os seus esquifes de espuma e os seus réquiens de sal e areia”. (p. 67).

IV

Nascido na aldeia do Telhado, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco, na província da Beira Baixa, em Portugal, Albano Martins foi professor do ensino secundário de 1956 a 1976 e licenciado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exercendo funções docentes na Universidade Fernando Pessoa, do Porto. De 1980 a 1993, quando se aposentou, foi funcionário da Inspeção-Geral do Ensino. Foi um dos fundadores da revista *Árvore* e é colaborador assíduo das revistas *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, e *Nova Renascença*, do Porto, da qual foi secretário de redação.

Estreou em 1950 estreou com *Secura Verde*, que recebeu segunda edição em 2000. Depois, foram tantos os títulos que sua obra foi por três vezes reunida em volume: a primeira com o título *Vocação do Silêncio* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990), com prefácio de Eduardo Lourenço; a segunda em *Assim São as Algas* (Porto, Campo das Letras, 2000); e a terceira no já citado *As Escarpas do Dia*, que recebeu pre-

fácio de Vitor Manuel de Aguiar e Silva. Seus poemas estão traduzidos em espanhol, inglês, chinês (cantonense) e japonês.

Entre os seus cinco livros de prosa, destacam-se aqueles dedicados ao estudo das obras de Raul Brandão (1867-1930) e Cesário Verde (1855-1886). Entre os livros que organizou, três são antologias de poetas: Eugénio de Castro (1869-1944), David Mourão-Ferreira (1927-1996) e o brasileiro Lêdo Ivo (1924-2012). É tradutor de poetas latinos, gregos do período clássico, espanhóis, italianos e sul-americanos. Entre eles, salientam-se Giacomo Leopardi (1798-1837), Rafael Alberti (1902-1999), Nicolas Guillén (1902-1989), Roberto Juarroz (1925-1995) e Pablo Neruda (1904-1973).

A tradução de *Canto General*, de Neruda, valeu-lhe, em 1999, o Grande Prémio de Tradução APT/Pen Clube Português. Por sua tradução de sete obras de Neruda, recebeu do governo chileno a medalha da Ordem de Mérito Docente e Cultural Gabriela Mistral, no grau de grande oficial. O último livro na área de tradução que publicou foi *Poemas do Desterro*, do poeta romano Ovídio (43a.C.-18d.C.), em 2017. ✖

SERVIÇO

Pequeno Dicionário Privativo seguido de Um Punhado de Areia, de Albano Martins. Porto: Edições Afrontamento, 1ª edição, 78 páginas, 12 euros, 2017. E-mail: comercial@edicoesafrontamento.pt Site: www.edicoesafrontamento.pt *Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal da Paraíba.

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002), *Bocage - o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003), *Tomás António Gonzaga* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Academia Brasileira de Letras, 2012), *Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo Colonial* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015), *Os Vira-latas da Madrugada* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981; Taubaté-SP, Letra Selvagem, 2015) e *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019), entre outros. E-mail: marilizadelto@uol.com.br

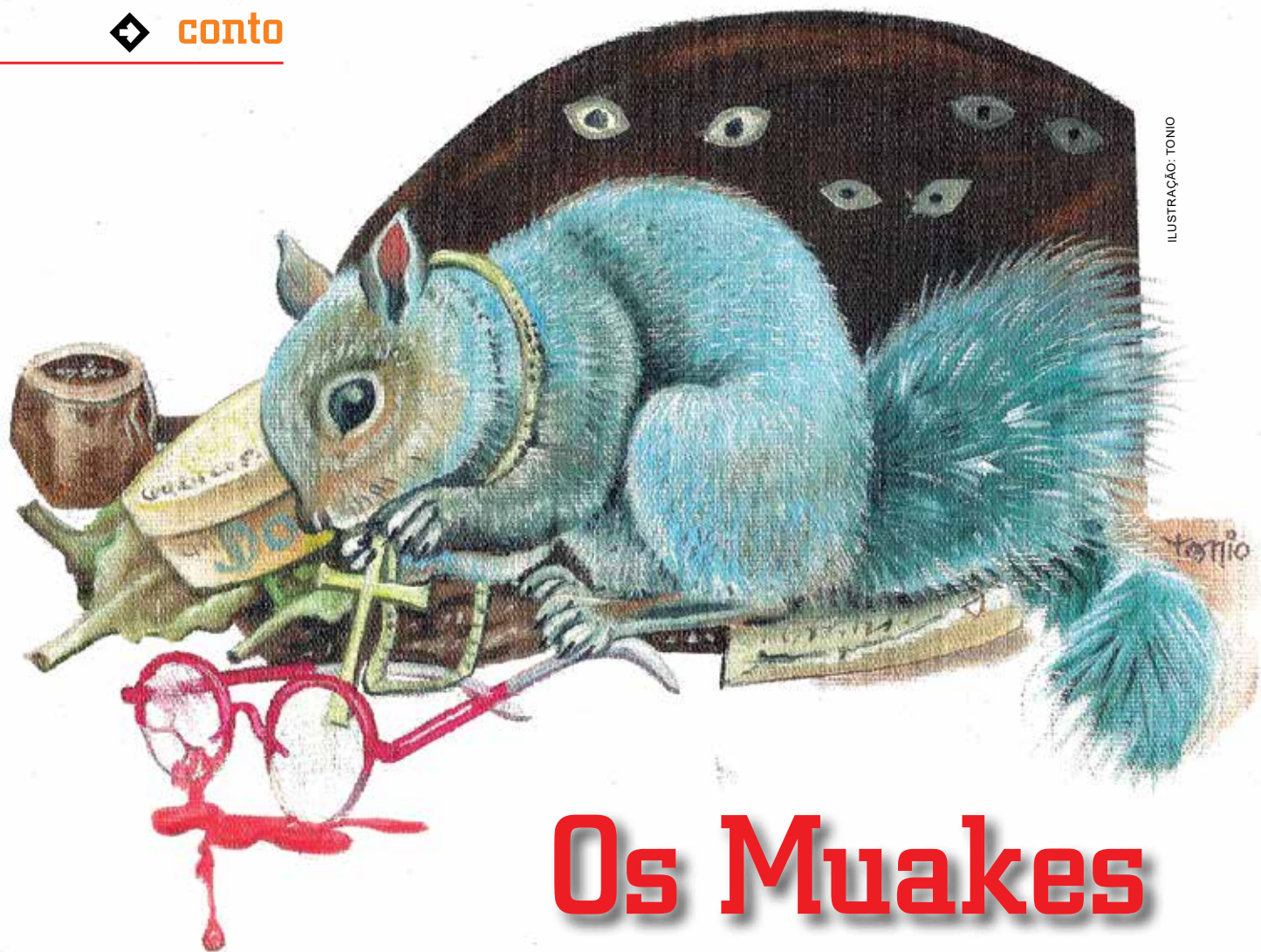


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Os Muakes

Cláudio Feldman
Especial para o *Correio das Artes*

Num meio-dia de outono, dedos de unhas pintadas emergiram de um bueiro do Bosque da Luz.

O varredor de folhas secas chamou a polícia e, quando os fardados chegaram, a senhora já não era.

Fora estrangulada, amadoristicamente, e jogada no bueiro, porém quase conseguiu arrastar-se para fora do mesmo.

Os meios de comunicação levaram o sr. Sócrates Jr. a comparecer ao necrotério para identificar sua esposa Martina (apelido: Lady Putifar).

O relógio da vítima trincara o vidro e parara de funcionar às 22h., com a queda, e isto servira de álibi para o marido, que estivera num pôquer com amigos, das 20 h. à meia-noite.

Dr. Nathanael, dono do jornal onde eu trabalhava como repórter, não conseguia evitar uma comichão intuitiva de que Sócrates Jr. era o culpado.

Para tanto, chamou-me à sua sala transbordante de furos de reportagens, vaidosamente emoldurados, e falou:

– Moraes, vá à Travessa das Samam-

baias, nº 1, e tente arrancar a alma do viúvo pela boca, mas me traga novidades sobre o caso!

Com fotos!

Este endereço, o mais antigo da cidade, me fascinara desde criança, quando eu passava por ele, rumo à escola.

Era uma casa de pedra, sólida, apesar da velhice, com duas torres pontiagudas e uma chaminé enegrecida.

Resistiria a chuvas, ao sol, aos ventos de tempestade, à mudança de regimes políticos, apenas protegida por finas grades em forma de lanças, agora oxidadas.

O jardim, que rodeava a casa, aceitava tanto odorante roseiral quanto ervas daninhas.

Afinal, após muitos anos, eu iria realizar a minha curiosidade de conhecer seu interior.

Toquei a campainha, que ficava na boca de um dragão de bronze.

O sr. Sócrates Jr., em pessoa, veio me atender (morava só, agora).

Era um sujeito esguio, calvo, próximo dos 60 anos, olhar estranho, mas um sor-

► riso rasgado, apesar do luto.

Identifiquei-me e ele recebeu-me bem, sem qualquer aparente desconfiança, e permitiu meu ingresso na habitação tombada pelo Patrimônio Histórico.

O casarão, em suas entranhas, parecia mesmo um museu, atulhado de relíquias: quadros de antepassados, louças do século XIX, livros encapados por poeira, móveis dignos de um leilão grãfino etc.

Encantei-me.

O sr. Sócrates Jr. pediu que eu me sentasse numa cadeira idosa, porém vacilei: se ela quebrasse, eu teria que pagá-la durante muito tempo.

Ele colocou a bunda magra em outra, gêmea, assegurando que eram resistentes.

E, a seguir, não se negou a responder quaisquer perguntas básicas, referentes ao crime, já que as mesmas eram de domínio público.

Quando eu iria, com muito tato, pescá-lo em águas mais profundas e, talvez, esclarecedoras, ouvimos uns ruídos estranhos que corriam pelas paredes, como se alguém as andasse arranhando por dentro; de vez em quando, também, guinchos abafados.

Surpreso, perguntei ao proprietário:

– São ratos?

– Não exatamente – disse o viúvo -. São muakes.

– Muakes ?!! – espantei-me de novo-. Nunca ouvi falar!

– São esquilos azuis, um tipo em extinção, fora desta casa sesquicentenária.

– E como se metem dentro das paredes?!

– Como percebeu, esta casa é muito velha e não faltam buracos para que eles se aninhem.

O assunto do crime, que me levava até a Travessa das Samambaias, nº1, descorou, diante do incomum.

As perguntas mais importantes para uma reportagem policial foram esquecidas por mim, que só queria saber detalhes sobre os muakes.

O sr. Sócrates Jr., notando meu interesse, relatou:

– Ponho de vez em quando uma armadilha, com nozes descascadas, e sempre pego algum.

– Incrível! E o que faz com o animal?

– Os muakes são bichinhos adoráveis, cor do céu e olhos de bebês. Impossível dar-lhes fim.

Então, quando capturei o espécime, coloque-o numa gaiola e vou libertá-lo no Bosque da Luz.

– Onde sua esposa foi encontrada morta, não?

O sr. Sócrates Jr. não deve ter gostado muito de minha observação, pois chegou até a crispá-lo, porém, de qualquer maneira, continuou:

– Exatamente.

E como ninguém, até hoje, encontrou algum, lá, suponho que os muakes sirvam de alimento para predadores aéreos ou subterrâneos.

Mas não tenho remorso, pois minhas mãos estão limpas.

Nisto, vi, pela primeira vez, o tão falado muak e fiquei deslumbrado: lembrava um personagem de Disney, fora da tela!

Só que o pequeno malandro tinha metido as unhas numa ceroula brasonada do dono da casa e a arrastava pelo chão de madeira.

Segundos depois, num salto de mola, sumiu com a vestimenta por um buraco.

O sr. Sócrates Jr., irritado, falou:

– Volta e meia acontece o mesmo. Já sumiram chinelos, cartas, potes de margarina, crucifixos e até meu cachimbo de estimação.

E não adianta tapar os buracos, que eles abrem outros.

E eu, uma pessoa tolerante, que detesta violência (frisou bem estas palavras), acabo deixando tudo como está.

Bem, eu estava lá como repórter e necessitava acabar a entrevista solicitada por meu chefe, sem esquecer as fotos.

O sr. Sócrates Jr., contudo, interrompeu meu desejo e disse:

– Preciso levar com urgência dois muakes engaiolados ao Bosque da Luz e lhe peço, por gentileza, que aguarde minha rápida volta.

Enquanto isto, se quiser, pode fotografá-los, que darão uma re-

portagem original.

Com o objetivo de conseguir duas matérias sensacionais, ao invés de uma, concordei.

O dono da casa saiu com seu fordecó barulhento e eu fiquei, em silêncio, com a câmera pronta para captar a ação azul dos esquilos.

Os muakes, entretanto, presentindo um estranho, não quiseram aparecer, e os minutos foram passando à toa, até que me cansei com a demora do sr. Sócrates Jr. e resolvi partir.

Quando cheguei ao “Diário de Santa Rosa”, o chefe me recebeu com olhos de faca: onde eu estivera todo aquele tempo?

Expliquei com minúcias o que acontecera, inclusive relevando que a descoberta dos muakes era algo mais significativo para a Ciência do que o crime.

Dr. Nathanael não engoliu minhas palavras, pediu o retrato de um muak, que eu não conseguira, e rematou:

– Morais, você, além de louco varrido, perdeu a oportunidade única de entrevistar, de modo completo, com fotos, o criminoso Sócrates Jr.

– O criminoso?!! – avermelhei.

– Sim, pois enquanto o sr. se deliciava com esquilos azuis imaginários, o viúvo voltou ao bueiro onde jogara a esposa, em busca de uns óculos que perdera lá... E a polícia o apanhou!

– E seu álibi?

– O horário do relógio foi manipulado.

Conclusão, imbecil-mor: todos os jornais estão para soltar uma edição extra, menos o nosso!

O sr. está des-pe-di-do!

Juntei minhas coisas da escrivania, passei no financeiro para receber parte do salário, e saí, de cabeça baixa, sem cumprimentar os colegas de redação.

No olho da rua, monologuei:

– Malditos muakes! Se encontrar algum, vou ignorar seu azul, seus olhos infantis, e pisá-lo como um verme! ❖

Alcides Bezerra e uma obra secular



Oportuna a reedição fac-similar dos *Ensaios de Crítica e Filosofia*, de Alcides Bezerra, publicado pela Imprensa Oficial da Paraíba em 1919, exatamente na data de seu centenário. Aliás, esta ação de incontestável relevância cultural se soma a outras que o bibliófilo e jurista José Fernandes de Andrade vem desenvolvendo enquanto gestor do CEJUS – Centro de Estudos Sociais e Jurídicos –, no amplo espaço de atividades, programas, metas e projetos dessa ativa e dinâmica instituição.

Se antes tivemos a reedição das obras de Rodrigues de Carvalho, a exemplo do *Cancioneiro do Norte* e dos livros de poemas, *Coração*, *Prismas* e *Poema de Maio*, entre outras realizações literárias, agora temos em mãos esta obra de cunho filosófico, científico e estético que, associada aos trabalhos críticos do Monsenhor Pedro Anísio, de Álvaro de Carvalho, de Orris Soares, de Eudes Barros, de Raul Machado e dos padres Heliodoro Pires e Florentino Barbosa, como que inaugura a vertente hermenêutica do pensamento crítico e filosófico em solo paraibano.

Resultante de uma coleta de artigos dados a lume na imprensa local, na primeira década do século XX, estes Ensaios não só

traduzem o interesse reflexivo do autor em torno de questões filosóficas, culturais e literárias, mas também abre uma brecha heurística para se pensar a densidade dos temas abordados, a variedade de questões trazidas à tona para o embate das ideias e, em outra chave, para se mensurar o raio de ação das bases científicas com que os intelectuais da época se debruçavam sobre os fenômenos da realidade histórica e cultural.

Atendendo, talvez, às normas do periodismo, os Ensaios, grosso modo, assumem a forma do artigo ligeiro, onde o tom informativo tende a ser privilegiado, embora a raiz especulativa, de uma maneira ou de outra, apareça aqui e ali, dispondo suas ramificações como um traço incontornável do discurso propedêutica de Alcides Bezerra.

Duas exceções, no entanto, podem ser salientadas, na medida em que o estudioso, mesmo que ocupe as páginas do jornal e procure não violar os dispositivos da gramática jornalística, principalmente da gramática de então, alarga suas observações e parece escalar seu raciocínio exegético em diâmetro de maior profundidade analítica e conceitual. São os ensaios dedicados ao escritor e ▶

▶ polígrafo Carlos Dias Fernandes, dividido em três partes, e a série “Contrastes e confrontos”, seguida de “À margem dos Contrastes e Confrontos”, na qual a veia polêmica ganha como que qualidade estilística e perceptual.

Os demais, fundidos em torno de temas diversos, não fogem à regra do chamado artigo de fundo, em que as ideias são postas em suas linhas gerais, focando os assuntos a partir de uma lógica racional de teor dedutivo que visa esclarecer o leitor, principalmente pelo critério das classificações estabelecidas e dos conceitos apresentados, a exemplo do que ocorre, em especial, com o primeiro ensaio, “Agnosticismo e panteísmo”, e com alguns outros, como: “O conceito do direito do prof. E. Picard”, “Gramáticas e gramáticos”, “O romance brasileiro”, “A crítica literária”, “A matéria e o espírito”, “Uma classificação das ciências” e “O pessimismo”.

No ensaio acerca de Carlos Dias Fernandes, Alcides Bezerra procura exercitar o seu talento de crítico literário, investigando as obras do autor de *Fretana* em seus contornos gerais, focalizando tanto o discurso poético quanto a dicção em prosa, a partir de títulos como *Solaus*, *Canção de Vesta*, *Torre de Babel* e *Talcos e avelórios*, este, em particular, esmiuçado mais detalhadamente na terceira parte do ensaio. Na segunda, procede a análise minuciosa de *A renegada*, primeiro romance do escritor de Mamanguape, publicado em 1909, discutindo problemas morais e estéticos sugeridos pela narrativa, assim como questões ligadas à dicotomia filosófica do determinismo e da liberdade.

A crítica literária de Alcides Bezerra mescla nutrientes do impressionismo com fundamentos científicos positivistas, em função naturalmente de sua formação filosófica (dizia-se um fenomenista!), calcada, a princípio, nas leituras de Spinoza, Kant, Spencer, Wundt, Hoffding e, mais tarde, em Bergson e Spengler.

Com este arcabouço teórico,



Alcides Bezerra, que teve seu 'Ensaio de Crítica e Filosofia' republicado em 2019: livro de cunho filosófico, científico e estético que, junto a outros trabalhos, inaugurou a vertente hermenêutica do pensamento crítico e filosófico na PB

aplicado ao texto literário, faz aquilo que René Wellek e Austin Warren chamam de “demanda extrínseca”, isto é, uma abordagem genérica em que os elementos do conteúdo, sentimentos, ideias, visão de mundo, sobrepõem as componentes formais e estilísticas do texto.

Só para dar um exemplo de seu método crítico, observe-se como Alcides Bezerra, depois de afirmar que o romance *A renegada* tem o seu epicentro no “problema tormentoso e insolúvel do determinismo e da liberdade”, chega a seguinte conclusão de inegável viés kantiano:

Como conciliar o determinismo com o sentimento de responsabilidade? O belo romance do escritor pátrio, com ser uma afirmação vigorosa do determinismo, não é uma negação absoluta da responsabilidade. Não, porque a responsabilidade, conforme a observação de arguto psicólogo, se funda principalmente na conexão causal da vontade. Tanto mais a vontade é amadurecida, tanto mais pesam sobre ela os motivos, quanto mais o homem se sente responsável. {...} Ainda no tocante a este ponto o maravilhoso romance está de acordo com os resultados da ciência do espírito. ▶

› Já no polêmico ensaio a respeito de Farias Brito leva a termo arguta refutação dos alicerces filosóficos do pensador católico, a partir da análise do livro recém-publicado, *A base física do espírito*. Aqui, num estilo salpicado de torneos irônicos e com amplo poder de argumentação, realiza a desconstrução da escolástica medieval na qual Farias Brito alicerça seu pensamento filosófico e teológico.

São muitos os pontos de interesse tratados por Alcides Bezerra no sentido de demolir o aparato cognitivo do filósofo cearense, não nos cabendo, portanto, em simples texto de apresentação, adentrá-los com o rigor e a profundidade que efetivamente exigiriam. Registrarei apenas duas questões, aliás, também evocadas por Osias Gomes, em seu Discurso de Posse na APL – Academia Paraibana de Letras -, a saber: a confusão que faz Farias Brito entre lógica especial de uma ciência com a filosofia dessa ciência e o fato de considerar Augusto Comte um metafísico.

No tocante à primeira questão, em tom didático, seguro e objetivo, Alcides Bezerra afirma que o escolástico incorre em erro, assim argumentando:

A filosofia de uma ciência, ou a filosofia das ciências, é mais alguma coisa que a lógica especial de uma ciência, ou a lógica das ciências. Os leitores familiarizados com essa ordem de estudos facilmente compreenderão o meu pensamento. Forro-me de desenvolvê-lo e pondero apenas que neste mundo somente o professor de lógica do colégio Pedro II confunde, por exemplo, os métodos usados na biologia com a filosofia da vida, os métodos matemáticos com a filosofia das matemáticas, os métodos jurídicos com a filosofia do direito.

E, sobre a acusação de Augusto Comte como filósofo metafísico, sem esconder a veia irônica de sua escrita, faz a seguinte consideração:

Na página 43 do seu livro cai o Dr. Farias Brito em um erro lamentável, e deste faz ele grande conta. De uma confusão de palavras deduz uma confusão de coisas, e nos dá Augusto Comte como metafísico! Porque Augusto Comte denominou certas cogitações filosóficas sua filosofia primeira, e filosofia primeira (*prote philosophia*) é a denominação que Aristóteles dera a cogitações semelhantes, o professor de lógica do Rio, saltando de conteúdo, raciocina: filosofia primeira é o mesmo que metafísica, logo Comte, o demolidor da metafísica, faz metafísica!

Talvez para o olhar de hoje, voltado filosófica e cientificamente para problemas de maior urgência, tanto de natureza teórica quanto prática, e, sobretudo devido a grande crise dos paradigmas conceituais, essas disputas terminológicas e tais preocupações de ordem taxionômica pareçam despidiendas.

Mas, é preciso entender o caráter polêmico que selou a década de 20 do século passado aqui na Paraíba, envolvendo tomistas e materialistas, dentro do contexto renovador e efervescente da vida cultural e jornalística daquela época, vista por Osias Gomes como uma espécie de Renascença ou uma segunda Mogúncia, tendo à frente a figura dannunziana de Carlos Dias Fernandes, “cujo talento faiscante empolgava a todos e emoldurava a nossa terra de renome jamais alcançado no capítulo da intelectualidade”.

Pois bem: Alcides Bezerra foi um de seus atores de ponta. Nascido na Parahyba, e falecido no Rio de Janeiro, em 29 de maio de 1938, é, nas palavras do historiador Gemy Cândido, em sua *História crítica da literatura paraibana*

(1983), (p. 67), “talvez a mais poderosa organização intelectual da Paraíba, na época, não tendo chegado, porém, à formulação de um sistema filosófico coerente”.

Não obstante, embora o registro deste senão, o historiador literário paraibano não se escusa de enaltecer seu papel de liderança crítica, arrematando suas considerações com o reconhecimento de seu valor singular (p. 67), nestes termos:

Primeiro bibliógrafo paraibano, propenso às ideias gerais, destaca-se entre nós ao lado de Orris Soares e Álvaro de Carvalho, representando mais do que todos, o movimento de renovação do pensamento que se processou entre nós nos começos do século, tendo como matriz a filosofia materialista de Sívio Romero e Tobias Barreto. ✦

PERFIL



Jornalista, novelista, crítico literário, filósofo, historiógrafo, jurista, folclorista, entre outras credenciais, Alcides Bezerra, além dos Ensaios de Crítica e Filosofia, ora merecidamente reeditados, deixou um

legado significativo de obras publicadas, dentre as quais podem-se destacar as seguintes: a novela Maria da Glória (1922); Os historiadores do Brasil no século XIX (1927); A revolução científica do direito (1933); Achegas à história da filosofia (1936); Bibliografia histórica do primeiro reinado à maioria – 1822/1840 (1936), além de uma série de estudos em torno de personalidades, como Vicente Licínio Cardoso, Sívio Romero e Visconde de Taunay.*Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal da Paraíba.

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB – Universidade Federal da Paraíba e membro da APL – Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida; Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba; Literatura: as fontes de prazer; Os livros: a única viagem, e Valeu a pena.*

Mulher

NA CADEIRA
DE VIME

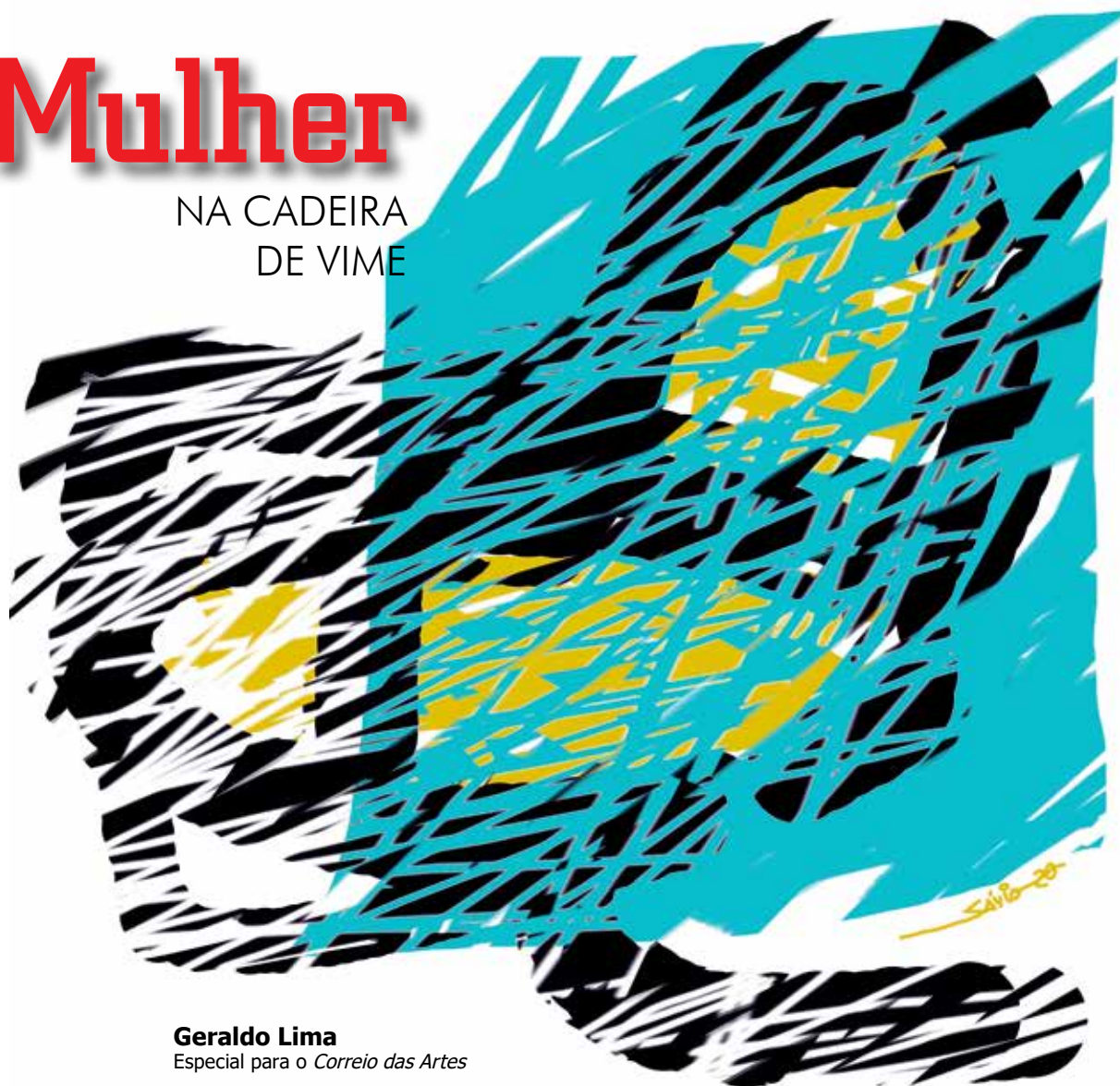


ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Geraldo Lima
Especial para o *Correio das Artes*

O cenário, uma sala com decoração minimalista. Só a reprodução de *Mulher sentada apoiada sobre os cotovelos*, de Pablo Picasso, fixada na parede frontal, atrai de chofre os olhos do visitante.

Depois disso, percebe-se o tom suave do azul brisa do mar das paredes. Tudo isso, obviamente, se os olhos não captarem com mais interesse a silhueta feminina exposta no lado esquerdo do cômodo. Não se trata de uma reprodução, e isso logo se vê. Tampouco está decomposta como numa pintura cubista. Embora ele não a veja ainda por completo, o ser no seu todo, seus olhos já transbordam.

Ela está sentada numa cadeira de vime natural, o corpo todo resumido nesse espaço de fibras e reentrâncias. Os olhos, cerrados, parecem entregues aos caprichos da memória e seus labirintos. Ela não

o viu entrar, ou finge não tê-lo visto. Finge, é o mais provável, pois a porta foi aberta sem nenhuma delicadeza. As dobradiças, implorando por lubrificação há tempo, rangeram alto. Ela, no entanto, permanece assim: a cabeça levemente jogada para trás, como quem tira um cochilo.

Ele para diante da mulher e espera que ela abra os olhos e o veja. Espera inútil, alguém precisa lhe dizer. Súbito, no entanto, a mulher move-se meio desajeitada na cadeira, inclinando o corpo como se fosse se levantar. Estanca o movimento e parece descerrar os olhos opacos, tentando focá-los na direção dessa voz que agora a cumprimenta. Tenta, sem desespero, buscar essa figura que ela imagina de um homem alto e forte. Um homem que ela decompõe e vai remontando a seu bel-prazer. ❖

Geraldo Lima é escritor, dramaturgo e roteirista.

A faca quase política

A João Cabral de Melo Neto

Mais uma faca só lâmina
Lamina bem fino o genoma
É lâmina que corta fundo
A ponta rombuda da política.

É só lâmina o aço
De espelho frio cortante
Na imagem do corpo cego
O corpo cego e gritante.

É só lâmina o aço
De frio gume amolado
Da língua afiada e de sangue
A lâmina de aço cortante.

É só lâmina e sem cabo
O doce metal da morte
Com os cravos atravessando a madeira
E são cravos da própria sorte.

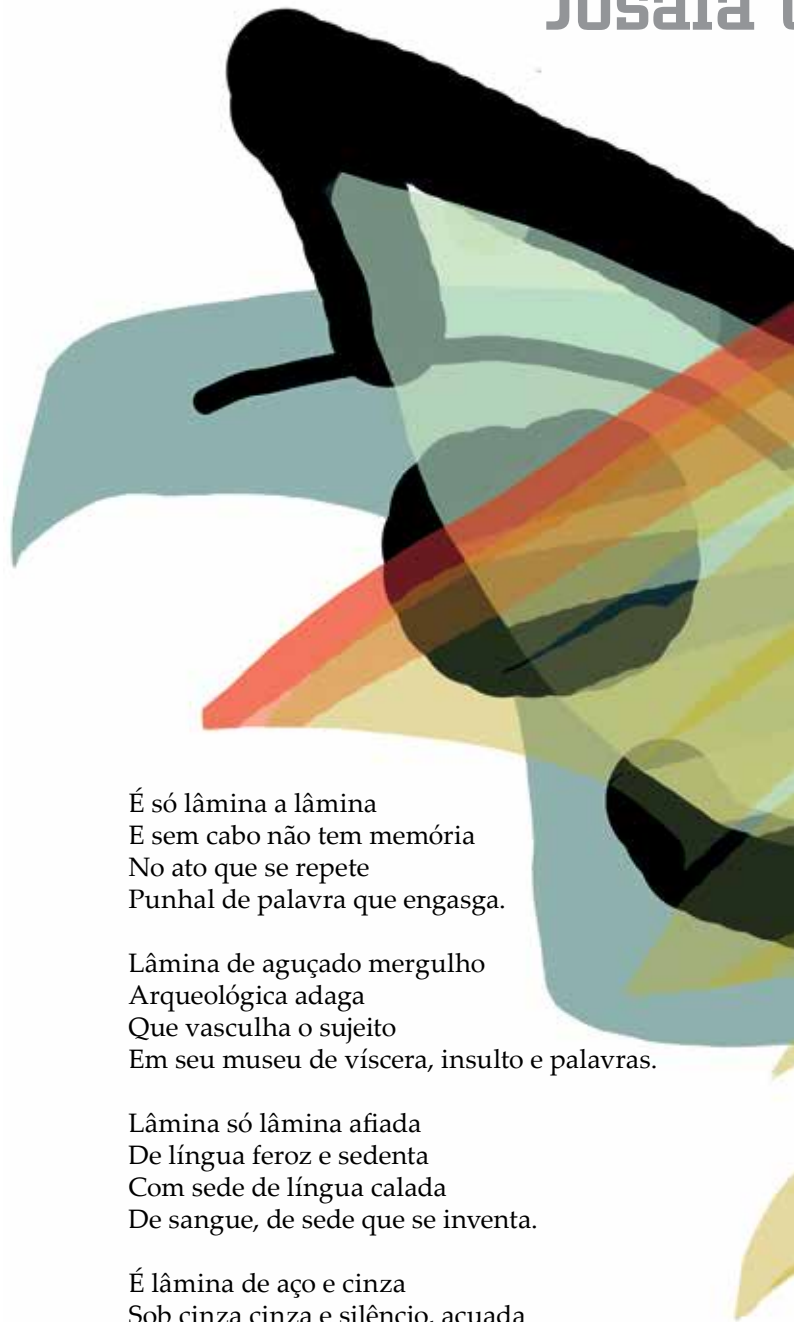
Emerge do poço fundo e escuro
A faca de fino brilho
E cega seu brilho em cor
De sangue, de fino golpe indolor.

Emerge entre rastros, pegadas
De rastro frio, incolor
Que não reflete na lâmina
Que não tem forma, nem cor.

Um braço furtivo, forte eclode
No silêncio tenso do corpo
Empunha bandeira da morte
Sob lenço da lâmina só faca.

É só lâmina o aço
O ferro de ferrar gente
Que ferra papel na história
Papel de pele seca
Celulose da própria glória.

É só lâmina a afiada lâmina
Tirando os pelos do mundo
Deixando lisa a pele
De pelo afiado unânime.



É só lâmina a lâmina
E sem cabo não tem memória
No ato que se repete
Punhal de palavra que engasga.

Lâmina de aguçado mergulho
Arqueológica adaga
Que vasculha o sujeito
Em seu museu de víscera, insulto e palavras.

Lâmina só lâmina afiada
De língua feroz e sedenta
Com sede de língua calada
De sangue, de sede que se inventa.

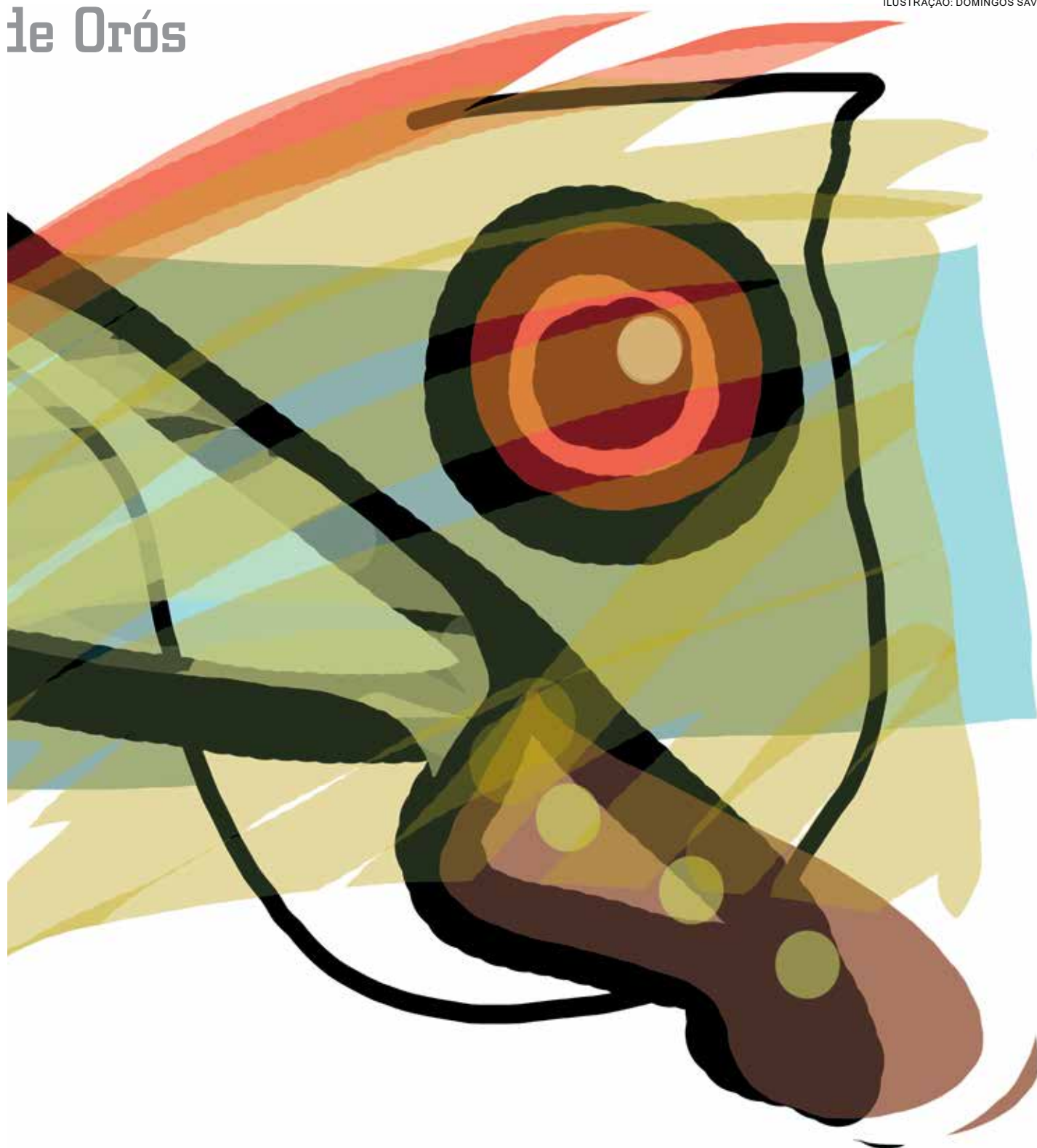
É lâmina de aço e cinza
Sob cinza cinza e silêncio, acuada
É lâmina com as penas molhadas
De mórbida fênix entre truculentos soldados.

É lâmina, é língua falante
Entre os dentes do guerreiro
No vexame da palavra
Na palavra do vexame.

Josafá de Orós
13/09/2018

de Orós

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Josafá de Orós é escritor e artista plástico. Nasceu em Orós (CE), em 1965. Veio para a Paraíba nos anos 70, e mora em Campina Grande, onde desenvolve ações nos campos da cultura e das artes. É sociólogo formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Já participou de de mostras coletivas e individuais no Brasil, Cuba, França, Portugal e Espanha, entre outros países. Tem publicado em diversas coletâneas em nível nacional. Sua mais recente participação em antologia foi no livro *Homenagem ao centenário de nascimento do escritor Jorge Amado*. Em 2017 obteve o título de Embaixador da Palavra do Museo de la Palabra, de Madrid, Espanha.

Jaime Prado Gouvêa:

"Todo 'boom' é um ciclo que um dia se fecha"

Sérgio de Castro Pinto
Especial Para o *Correio das Artes*

Há exatos 50 anos, o mineiro Jaime Prado Gouvêa estreava em livro: "Um tempo desse tamanho representa uma vida"

Conheci Jaime Prado Gouvêa em inícios dos anos 1980, em São Paulo, quando participávamos de uma das edições da Bienal Nestlé de Literatura. De lá para cá, embora permanecesse um leitor fiel de sua obra ficcional, perdi o contato com o autor, com o cidadão, somente o recuperando através das redes sociais, justo quando ele completa 50 anos de literatura.

Mineiro de Belo Horizonte, Jaime Prado Gouvêa, com apenas 24 anos, antes mesmo de estreiar em livro, conquistou o prêmio do Concurso Nacional de Contos do Paraná, um dos mais prestigiados da época. A esse, seguiram-se os prêmios Jabuti e o Guimarães Rosa.

Publicou, entre outros, os livros de contos *Areia Tornado Pedra*, *Dorinha Dorê* e *Fichas de Vitrolas*. Com *O Altar das Montanhas de Minas*, estreou com pleno êxito ▶

FOTOS: BIENAL DO LIVRO DOCE



O Altar das Montanhas de Minas' (E) e 'Fichas de Vitrola', premiado com o Jabuti em 2008: romance e coletânea de contos integram a literatura de Jaime Prado Gouvêa



JP - Não tenho nada contra se o texto, por menor que seja, contiver boa literatura. Claro que isso vai exigir do autor um grande poder de síntese, ou de refinamento, como conseguiu, na evolução de sua carreira, o grande Dalton Trevisan.

O tamanho é o de menos quando o talento existe.

no gênero romance. Bacharel em Direito pela UFMG, Jaime Prado Gouvêa atuou como jornalista no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, e na sucursal belo-horizontina de *O Globo*. Atualmente, edita o *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

A seguir, a entrevista de Prado Gouvêa ao *Correio das Artes*, que registra os seus 50 anos de literatura:

Sérgio de Castro Pinto - O que representam 50 anos de literatura?

Jaime Prado - Na verdade, são 50 anos desde minha estreia em livro. Desde a adolescência eu brigava com as palavras na tentativa de escrever poesia — depois aprenderia, com Paulo Mendes Campos, que “o adolescente não é um poeta, é uma vítima da poesia” —, mas só acertei a mão quando rascunhei meu primeiro conto, em dezembro de 1966, que foi publicado num jornal da Faculdade de Engenharia por influência do meu amigo Humberto Werneck. E foi ele mesmo, o Humberto, quem me levou em 1969 para o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, então dirigido por seu fundador Murilo Rubião, na esteira de um prêmio na categoria estudante do

Concurso de Contos do Paraná, então um dos mais importantes do Brasil. Quando assustei, quatro livros mais tarde, meio século tinha se passado, como ocorreu em 2017 com Luiz Vilela e em 2019 com Sérgio Sant’Anna, só para citar dois companheiros vitoriosos. Um tempo desse tamanho representa uma vida.

SCP - Nos anos 1960 e 1970, houve uma espécie de “boom” do gênero conto. Hoje, o conto está desprestigiado?

JP - Todo “boom” é um ciclo que um dia se fecha e, como é natural, o conto acabou se acomodando entre a crônica e o romance, que é o seu lugar. Ocorre que, naquele tempo, houve o surgimento de excelentes contistas em todas as três Américas, e isso chamou a atenção. Mas o bom conto continua prestigiado, tem aparecido bons contistas. Talvez estejam faltando é leitores nesta época virtual.

SCP - O que você acha dos minicontos, hoje tão em voga?

Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *Longe, daqui, aqui mesmo: a poética de Mário Quintana e A casa e seus arredores* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O cerco da memória* (1993) e *Zôo imaginário* (2005).



Dolências

ou o aprendizado pelo sofrimento

A meu amigo Germano Romero

Perdido em meio aos *Poemas Esquecidos*, “Dolências” é um soneto de Augusto dos Anjos pouco conhecido. É preciso, em primeiro lugar, não confundir com outro poema mais longo, de mesmo nome, constituído de 6 quadras eneassilábicas, também relegado ao mesmo volume e datado de 1902. Em segundo lugar, mesmo estando fora dos poemas mais conhecidos de Augusto, “Dolências” é datado de 1906, quando o poeta já tinha 22 anos e havia escrito, por exemplo, “Insônia”, “Poema Negro” e “Queixas Noturnas”. Trata-se, pois, de um soneto produzido na fase consolidada de sua poesia. Acompanhemos o que diz o poema:

Dolências

Eu fui cadáver, antes de viver!...
– Meu corpo, assim como o de Jesus Cristo,
Sofreu o que olhos de homem não têm visto
E olhos de fera não puderam ver!

Acostumei-me, assim, pois, a sofrer
E acostumado a assim sofrer, existo...
Existo!... – E apesar disto, apesar disto
Inda cadáver hei também de ser!

Quando eu morrer de novo, amigos, quando
Eu, de saudades me despedaçando,
De novo, triste e sem cantar, morrer,

Nada se altere em sua marcha infinda
– O tamarindo reverdeça ainda,
A lua continue sempre a nascer!

O soneto se alterna entre dois aspectos, o *infec-tum*, que caracteriza a ação inacabada, e o *perfec-tum*, denotador de uma ação concluída, de modo a definir os dois estados opostos do *eu-poético*: a vida material e a vida espiritual. Em meio a esses dois estados, o espírito, consciente do ciclo infinito da reencarnação, a “marcha infinda” (verso

12), apresenta-nos a transição, representada pelo cadáver – vocábulo duas vezes presentes no soneto (versos 1 e 8) –, através de uma afirmação categórica do único verso, em todo o soneto, que é independente e de que decorre todo o sentido do poema:

“Eu fui cadáver, antes de viver!...”

Este verso inicial, portanto, constrói a antítese entre o fechamento de uma etapa e o início de nova etapa a ser vivida, a que está sujeito todo espírito, num jogo de ação concluída que se abre para nova ação inacabada, cujo acabamento material se dará com a morte do corpo. Nesse processo, a palavra *cadáver* é de grande importância para a compreensão do poema. Originada do latim (*cādāuēr, cādāvēris*), a palavra é proveniente do verbo *cādo, cādēre, cair*, significando “o que caiu por morte”. Assim, a morte como queda do corpo, paradoxalmente, proporciona a libertação do espírito para viver nova vida, a reencarnação. Esse caminho, já de acordo com o primeiro verso, pode ser equacionado da seguinte forma: vida, morte como transição (cadáver), nova vida.

A autonomia que o verso inicial apresenta, que faz o resto do soneto um aposto a ele, não esconde uma ambiguidade que, a nosso ver, não há como ser resolvida: o ter sido cadáver antes de viver significa que o *eu* já está em nova vida corpórea ou, por estar ainda como espírito, sente que esta é a verdadeira vida?

O sofrimento apresentado já na primeira estrofe marcará a vida material do *eu-poético*. Sofrimentos indizíveis, para homens e feras, pois

▶ comparados aos do corpo de Jesus Cristo, apresentando dois propósitos. O primeiro é mostrar que a vida material, não importa qual seja o espírito que nela esteja encarnado, sofrerá as dores próprias a que a matéria está sujeita, sendo o cadáver a realidade triste e última da matéria. Nem Cristo escapou a estas dores inomináveis, tendo também se tornado corpo sem vida. O segundo propósito é abrir a perspectiva do sofrimento como uma etapa inerente à vida material, que poderá levar à evolução espiritual. Não há vida sem sofrimento e o sofrimento ensina; quando não ensina, sofreremos as mesmas dores ou piores, nos vários ciclos de reencarnação. É o que constatamos na segunda estrofe do soneto, em que o *eu* revela haver-se habituado ao sofrimento – “Acostumei-me, assim, pois, a sofrer” (verso 5) – como parte essencial da vida humana – “E acostumado a assim sofrer, existo... (verso 6)”. Um “viver” e um “existir”, que não o livram de ser, novamente cadáver – “Inda cadáver hei também de ser!”, vez que o *eu* encontra-se preso ao ciclo reencarnatório. O emprego de uma forma verbal, que em latim traduz o particípio futuro – *haver de* –, forma do *infectum*, revela-nos o quão o ciclo parece interminável – vida, morte, cadáver, vida, morte, cadáver... –, para quem, em vida, mesmo sofrendo, não aprendeu as lições que o sofrimento traz consigo. Ciclo interminável como o encadeamento reiterativo dos versos, conforme podemos ver nas estrofes 2 e 3.

Observe-se que podemos comprovar o que afirmamos acima com as duas estrofes finais, em que o *eu* antecipa a nova morte, cuja tônica, será a saudade que despedaça (verso 10), além da tristeza e da falta de canto (verso 11), que entendemos como ausência de celebração de uma transição para nova vida, para a qual carregamos o aprendizado das vidas anteriores. A locução adverbial “de novo”, no verso 9, reiterada no verso 11, não deixa qualquer dúvida de que existiram novas vidas e novas mortes que se sucederam e que ainda haverão de suceder, sem que tivesse havido alguma alteração na existência do *eu*, marcado ostensivamente pelo sofrimento, daí o nome do soneto, “Dolências”.

Lembremos que o vocábulo *dolência* é um substantivo formado de um particípio presente, *dolente* (*dolens*, *dolentis*) do verbo *doer* (*dolēo*, *dolēre*, “sentir dor”, “sofrer”, em latim), cuja marca morfológica e aspectual é de *infectum*. O próprio título do soneto, portanto, já nos diz de um estado perma-



nente de dor do *eu-poético*. A importância da reiteração deve ser considerada, pois liga a existência ao sofrimento, ligação que cria uma oposição – “E apesar disto, apesar disto” – entre os elementos anteriores e a nova perspectiva de ser, mais uma vez (*inda*), cadáver, como se o sofrimento em vida já fosse, em si, provação suficiente.

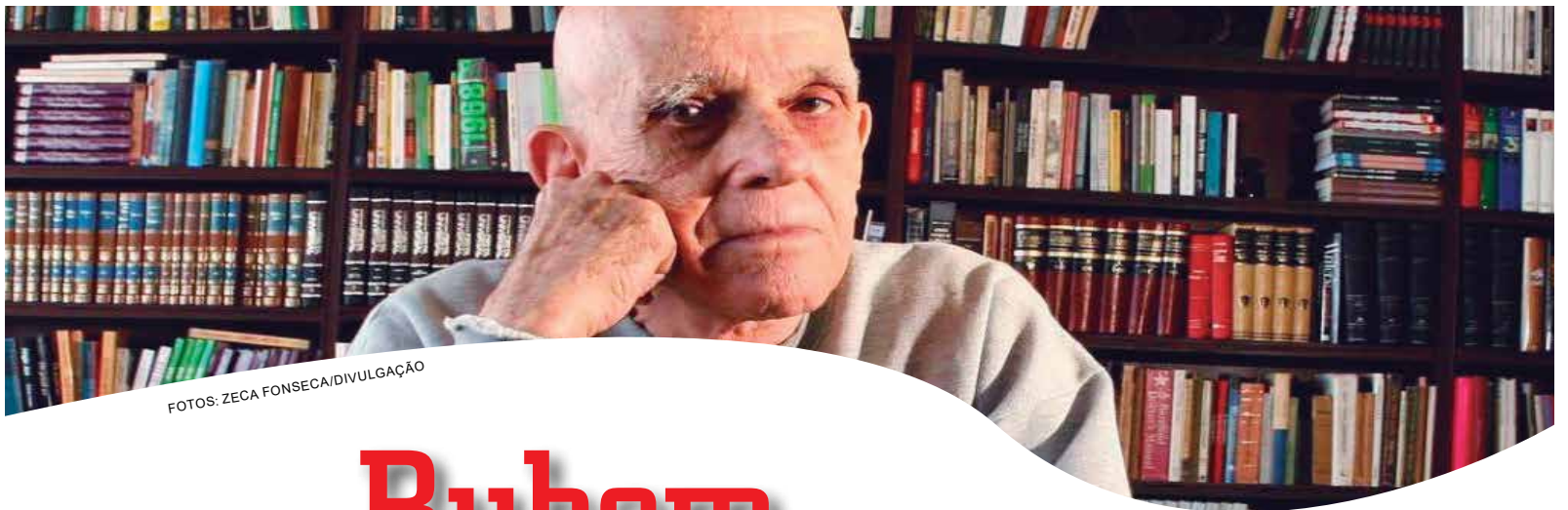
A estrofe final é o arremate, para confirmação da *dolência* em que se encontra preso o *eu*:

Nada se altere em sua marcha infinda
– O tamarindo reverdeça ainda,
A lua continue sempre a nascer!

A “marcha infinda”, a roda que não se quebra, está aqui representada pelos ciclos da natureza e da órbita lunar. Se o *eu* tem consciência de que há vidas e mortes, de que há reencarnações, falta-lhe a consciência de que o tamarindo e a lua, por mais que pareçam os mesmos, quando dos seus (re)nascimentos sazonais, sempre são diferentes. Nunca é o mesmo tamarindo, nunca é a mesma lua. São novas folhas e novos frutos do tamarindo, assim como são novas as posições que a lua assume, no espaço, a cada ciclo. O *eu* que, a

cada encarnação nova, renasce como a lua e reverdece como o tamarindo, mantém-se preso na dor, por ter visto em Cristo apenas o sofrimento e jamais a ressurreição na luz. Parece-nos, contudo, que a alusão às dores de Cristo não é gratuita. É um passo para reconhecer que o espírito tende a aperfeiçoar-se com o sofrimento e as reencarnações sucessivas. Sofrimento que se situa para além dos olhos humanos e jamais concebido pelos olhos das feras, pois só o espírito pode saber dele, completamente. ✦

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



FOTOS: ZECA FONSECA/DIVULGAÇÃO

Rubem Fonseca:

A INQUIETUDE CONSIGO MESMO

Elizabeth F. A. Marinheiro
Especial para o *Correio das Artes*

Depois dos ótimos estudos de Fábio Lucas, Afranio Coutinho, Renato Cordeiro Gomes, Vera Lucia Follain, Zucmir Ventura, Boris Schnaiderman, Ítalo Moriconi e outros, tenho certa dificuldade para um Ensaio sobre a canônica obra de *Rubem Fonseca*.

Participei, como jurada, do Prêmio "GOETHE", realizado no Rio de Janeiro, sob a coordenação do mestre *José Louzeiro*. A obra premiada foi "A GRANDE ARTE", publicada em 1983. A partir daí mantive um simples relacionamento com Rubem. Sempre me parecia recluso, porém Escritor simpres e fidalgo.

Mestre Arfânio Coutinho inseriu o Autor na chamada "corrente brutalista". Concordo parcialmente porque se a crueza do real é uma constante, há outras dicções permeando o sistema de sua obra.

Trata-se de obra monotemática, é certo. Porém o deslocamento dos focos, o labirinto de personagens, os diálogos, a exemplo, desgeografizam os enredos pontuados pelos *contrários*.

Os contos de "*O Buraco na parede*" trazem uma espécie de linismo-social, que se percebe no texto "*Balão Fantasma*", onde a paixão do narrador personagem por "Marina" e pelas florestas são uma defesa do sonho: "*Sonhadores foram os que fizeram a floresta da Tijuca, anos e anos de um trabalho de amor*" (p. 12; grifo nosso) Certa vez me disse o autor que era um caçador e gostava muito dos matagais. Daí, penso eu, uma implícita defesa da ecologia (cf. a oposição aos *balões* no conto supra citado).

No romance "O Caso Morel" a feição brutalista parece minimizada pela presença do caráter biográfico e memorialista.

Já em "O Cobrador", o conto "A caminho de Assunção" semantiza os cobradores desonestos, soldados pérfidos em busca de bandidos. O conto que leva o mesmo título do livro, tem diegese semelhante aos demais, grifando sempre a *bandidagem*.

Dissonância é o elemento básico na escuridão de "Romance negro". A contudência do discurso e o predomínio do insólito aproximam-me do *mundo atual*. Até sugere uma profecia, pois os crimes invadem, inclusive, os Encontros de Literatura.

Em sendo um viajante voraz, o olhar de Rubem, muito centrado no Rio de Janeiro "... Augusto volta a escrever sobre a arte de andar nas ruas do Rio. Como anda a pé, vê coisas diferentes de quem anda de carro, ônibus, trem, lancha, helicóptero ou qualquer outro veículo" (p. 18) O narrador esclarece que seu livro não é para saúde, bem estar físico, *higiene*.

"*Nem será um guia arquitetônico do Rio antigo ou compêndio de arquitetura urbana; Augusto quer encontrar uma arte e uma filosofia peripatéticas que o ajudem a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade Solvitur ambulando*" (p. 19 – grifo nosso).

Eis o tema recorrente de Rubem: a *cidade*. A cidade e a cáustica *ironia* do autor.

Em "O Homem de Fevereiro ou Março", três contos permanecem com minha admiração: "Fevereiro ou Março", "O inimigo" e, sobretudo, "A Coleira do Cão".

A crítica aos preços cobrados pela Igreja; as leituras esdrúxu- ▶

▶ las do personagem Mangonga; a ignorância dos professores; as idas à Zona; expressões como “mictório”, “cagão”, “cresceu uma ova”; o barbante que Najuba amarrou no seu “birro” para que ele crescesse e, sobretudo, o medo que o narrador *eu* tinha da “gonorréia”, evitando-o de fazer “aquela coisa com Aspásia” (in “O inimigo”, p. 137).

Tem-se, portanto, um conto caótico, versando baixarias, com tom explicitamente *biográfico* e cujas interrogações, de sabor pitigrilliano, não invalidam a habilidade ficcional e a estética da composição em Rubem Fonseca.

“Fevereiro ou Março” *assemelha-se* ao texto “O inimigo”. Semelhanças constantes na obra fonsequiana... Traz as traições de uma condessa ao seu marido, a quem o narrador - protagonista “tinha dormido com ela”(p. 15). Permanece a dicção biográfica e as amorais situações do cenário urbano; além de um bicho estranho que apavora a Condessa, o personagem “Silvio já se vestia de melindrosa, pintava os lábios de baton. O ano passado, dizia ele, mulher às pampas botou bilhete na minha mão, com telefone: quase tudo puta, mas tinha uma que era mulher do seu bacana, andei com ela mais de seis meses, me deu um relógio de ouro”. (p.10-grifo nosso).

Qualquer verossimilhança com os carnavais de hoje é mera coincidência, digo eu...

“A Coleira do Cão” é um rigoroso documentário contra a ditadura militar, no Brasil/1964. Documentário que, sem perder o nível estilístico, revela as roubarias, falcaturas dos “nobres” do Poder e dos famosos da Zona Sul do Rio de Janeiro. E o fez revelando, igualmente, a fome, a injustiça, a miserabilidade das favelas e morros cariocas.

Pelo que se percebe, a violência urbana, em todas as camadas sociais, é a tônica da obra fonsequiana. Entretanto não se pode rotulá-la de “escrita repetitiva”.

Por uma via, ênfase o contraponto: rico/pobre; vida/morte; erudito/popular; o Rio de Janeiro da zona-sul e da periferia, enfim, a cidade e o submundo.



Capas das edições mais recentes de 'O Buraco na Parede' e 'A Grande Arte'

Com Fonseca não se trata de “baixaria”, nem de “paródia”...

A “baixaria” inexistente pois, ao contrário de Marco Polo, o narrador não é o viajor turista buscando “as sete maravilhas da cidade” e sim um olhar que enxerga vidas *secretas*.

As citações tanto indicam os vários pontos de vista como tecem uma fusão de ficção e teoria do Conhecimento. Ao invés da “paródia”, tem-se o que Vattimo consideraria o pós-moderno: a cidade convalescente, com todas as suas estruturas desabadas.

Se Mandrake e seu sócio desejam atravessar todas as ruas abjetas, a fim de fotografar um mistério, nada mais é que a busca do poder, numa escrita com nuances *poéticas*.

Neste emaranhado de tramas e personagens, associado a uma narrativa ora *linear*, ou *fragmentada*, o “P” marcado na cara de uma mundana poderá ser de uma “Putá” e/ou de uma *Profecia*.

As quadrilhas de traficantes e assassinos, os advogados “*esperotos*”; os policiais que nada vendam; os matadores alugados pelos *poderosos* são semelhantes do anseio de liberdade contudo no olho ficcional do autor, tornando-a fronteira.

E nas fronteiras de “A Grande Arte” percebo a *inversão* dos gêneros conto/romance obtida, magistralmente, pelo autor. Concordo com o mestre Fábio Lucas quando aponta: “vocabulários, suspensão das frases, elipses *monólogo interiores*, relatos em *primeira pessoa*, iluminação de *zonas escondidas da alma*, mistura do clássico ao popular, do refinado ao patético”. (in “O Orelinha do Cão” - grifos nossos).

Um *eu* em conflito escondido na alma, que chora diante da humanidade destruída.

Um *eu* profundamente inquieto diante de pungentes dores.

Um *eu* que não é “brutal” porque antecipa o *agora contemporâneo*.

Um *eu* psicológico que quis ocultar os enigmas da cidade.

RUBEM FONSECA: um palimpsesto mnemônico, cujo timbre *profético* desvela a inquietação consigo mesmo. ✦

Elizabeth Marinheiro, é uma escritora, crítica literária e professora doutora brasileira. “Imortal”, ocupa desde 2 de maio de 1980 a cadeira de número 20 da Academia Paraibana de Letras - APL, tendo sido a primeira mulher a ocupar um de seus assentos.

Fátima Quintas, aristocrata

E POETA DO TEMPO

André Cervinskis
Especial para o *Correio das Artes*

Fátima Quintas nasceu no Recife, Pernambuco. Diplomou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ingressou na Fundação Joaquim Nabuco em 1965, na qualidade de pesquisadora/ antropóloga. Realizou cursos de Pós-Graduação em Antropologia Cultural e Museologia em Lisboa, no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina e no Museu das Janelas Verdes, respectivamente, residiu em Portugal por sete anos.

Publicou diversas obras de Antropologia e vem se dedicando a estudos sobre Gilberto Freyre. Foi coordenadora do Seminário de Tropicologia da Fundação Gilberto Freyre. Conheceu o sociólogo de perto e com ele manteve uma relação fi-

FOTO: DIVULGAÇÃO



Fátima Quintas: em sua obra, a memória é algo de que ela se apega e persegue como um tema felliniano. Suas crônicas no Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco por anos a fio, foram referências pessoais de como trabalhar as palavras com intimismo, elegância e personalidade.

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



A obra de Gilberto Freyre é tema de estudo de Fátima Quintas, que conheceu o sociólogo de perto e já organizou diversos livros sobre o pernambucano

► lial, o que propiciou o crescimento, desde cedo, de sua admiração pelo autor. São vários os livros por ela organizados sobre o pensamento do escritor pernambucano.

Foi presidente da Academia Pernambucana de Letras, exercendo seu cargo com desenvoltura e dinamismo. Aproximou a APL das pessoas comuns com eventos para além do acadêmico, procurando abrir a casa ao máximo para o público.

Tem, entre seus livros publicados: *Sexo e Marginalidade* (1987); *Educação Sexual: Um Olhar Adiante* (1992); *Cheirinhos de Alecrim Numa Casa Portuguesa, Com Certeza*, 1995; *Mulheres Oprimidas, Mulheres Vencidas* (1996); *Segredos da Velha Arca* (2003); *A Ilustre Casa dos Fantasmas* (2006); *Sexo à Moda Patriarcal* (2008); *Assombrações e Coisas do Além* (2009); *Amaro Quintas, Meu Pai* (2014), como autora. Como organizadora, publicou os seguintes volumes: *Casa & Família: O Cotidiano Feminino* (1989); *O Cotidiano em Gilberto Freyre* (1992); *Mulher Negra: Preconceito, Sexualidade e Imaginário* (1995); *O Negro: Identidade e Cidadania* (1995); *Manifesto Regionalista* (1996).

Além de prodigiosa estudiosa de assuntos literários e culturais, como sexo patriarcal e costumes do século XX, Fátima é profunda amante de Manuel Bandeira, tendo já proferido palestras inclusive nessa casa em 2018 durante o 1º Seminário Manuel Bandeira e os Poetas do Recife.

Tendo toda essa produção literária intensa – mais de 50 livros, vou me deter, no entanto, em seus mais recentes livros: *Felícia: Novelas* (2018) e *Tempos Perdidos: Memórias* (2018). Sobre este último, podemos dizer que se aproxima mais do lado da escritora que a consagrou entre os literatos, desvendando memórias, numa crônica de si e de seu cotidiano. É um livro-diário, com atualizações. O detalhamento e segredos que a jovem menina Fátima, então entre 12 e 14 anos, revela-nos nessas páginas são um misto de apreensões adolescentes e o iniciar de uma carreira prodigiosa.

Se a encantou o mundo do engenho, os segredos das alcovas

das sinhazinhas, também chamaram sua atenção as posições lúcidas e corajosas de seu pai, Amaro Quintas, ou emancipadas e pouco convencionais de sua mãe, Edith, de seu irmão Maridão e irmã Elisa; de seus tios e vizinhos; a influência segura e improba de seu pai; sua infância e adolescência no Derby, João de Barros e neto de Mendonça; as brincadeiras e conflitos de criança e adolescente no Colégio São José; seus primeiros amores (Fernando); suas idas ao Mercado da Encruzilhada e ao centro do Recife: lojas Sloper e Rua Nova e imperatriz; suas primeiras reflexões sobre vida e literatura.

São revelações que já revelavam, em adolescente a figura ímpar de Fátima, rigorosa consigo mesma, mas amorosa; meiga, mas responsável. Uma poeta, ousou afirmar, que, na prosa, nos encantou com escritas sinceras e profundas, de um sensibilidade sobrecomum mesmo para a jovem criada com um estudioso e culto professor Amaro Quintas.

Tempos perdidos, então, é baú de memórias e feitiços. Observações de si e do mundo que resvalam num delicioso texto rico de adjetivos, mas simples na leitura. É o que nos revela no início do livro, um misto de memórias da infância, narrativa e poesia:

Fui uma menina urbana, do asfalto, de, no máximo, brincadeiras de rua nas calçadas do Derby e do Rosarinho. Jamais me afastei da cidade. Porém, escutei com muita atenção histórias rurais. Minha mãe, filha de senhor de engenho decadente, fazia-me dormir ao som de belas narrativas de banguês, que cresciam em fantasias na minha mente ingênua, propícia a receber as mais heráldicas ilusões: imaginei a sala grande, os castiçais, as luzes, apagadas, o alpendre sonolento, o jardim repleto de papoulas e imbés, o caramanchão `espera de amores que nunca se deram. [...] Desse encontro entre o que ouvi e o que sou, nasce a minha busca existencial. Sou um misto de ficção e realidade, menina de passados misteriosos, a cultuar enigmas que não se perderam no curso do rio. Os enigmas fazem parte de todos nós, e os tempos se fixam em ícones eternamente duradouros. Em nenhum momento me recuso a acreditar que as metáforas de presentes e futuros repousam no passado (QUINTAS, 2018b, p. 22)



Como percebemos por esse trecho de sua obra, o mais interessante de tudo é perceber como Fátima Quintas é a poeta do tempo, embora cronista (prosadora) e ficcionista (romancista). A memória é algo de que ela se apega e persegue como um tema felliniano. Suas crônicas no *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* por anos a fio, foram referências pessoais de como trabalhar as palavras com intimismo, elegância e personalidade.

Percebemos claramente a influência de Clarice Lispector (acima) em suas crônicas, que são um hibridismo de contos e crônicas, bem ao gosto da literatura contemporânea. Suas personagens revelam infelicidades, desesperanças e por vezes pessimismo, mas com força e perseverança para vencer os desafios do cotidiano, como Felícia, empregada dedicada, praticamente escrava de um rico latifundiário, usineiro, com ares de senhor de engenho. Essa personagem quintiana, analfabeta e muito religiosa, era esmerada na cozinha. Não deixava que outros auxiliares ensombriassem seus dotes culinários, dedicando-se sobremaneira à cozinha dos patrões. Fátima nos delicia, assim, com descrições de pratos e cozimentos que nos dão água na boca por conta de detalhes minuciosos e saborosos:

O jantar era servido às 21h – nesse dia, Felícia quebrava a sua rotina, mas os aviamentos já haviam sido providenciados em tempo de sorver, com apuro, os temperos. Caprichava nos acompanhamentos: cenoura, chuchu, batatas em quadrados pequeninos, beterraba desfiada, acelga, rodela de pepino à vinagrete. À parte, ►



- um creme à base de mostarda, limão e páprica – esta fabricada em casa. Misturava os ingredientes numa panela de barro, deixava-os ferver por uns poucos minutos, acrescentando, por fim, a verdura picada. Depois de fria, espalhava a salada numa travessa delicadamente adornada com fios de ovos, castanhas de caju e nozes. Os fios de ovos, talhava-os com uma perícia nunca vista, e não permitia que ninguém vigiasse sua feitura (QUINTAS, 2018a, p.32)

Mas a autora não transforma Felícia, a exímia cozinheira, num mero instrumento de trabalho eficaz. Ela possui sentimentos muito humanos, como constatamos através dos seguintes trechos em que a descreve:

Nela não havia traços de beleza. O corpo gordo, atarracado, contribuía para uma postura pachorrenta, sem o menor pincel de suavidade. As roupas desleixadas, os chinelos arrastando, os seios volumosos davam-lhe uma aparência de descuido voluntário. A impressão era de que, afeando-se, Felícia amava-se cada vez mais[...] Não disfarçava o costume de trancar tudo, como se, assim, procedendo, guardasse a vida para vive-la depois, em algum lugar onde ninguém a encontrasse (QUINTAS, 2018a, p. 26)

Esse lado humano de Felícia é destacado muito mais ao revelar-se no livro a caridade que a personagem mantinha para com a sobrinha única, que adotara quando de morte de seus pais. Todo dinheiro era destinado a essa sobrinha, que visitava de tempos em tempos, quando de sua folga, somente uma vez ao mês:

[Felícia] Desceu do ônibus e já a esperava na parada, a sobrinha. Anita abraçou-a, achou-a mais magra, elegante, eufórica. O que estaria acontecendo? [...] Tagarelaram muito noite adentro. Anita comunicou que Mário [seu noivo] acabara de ser premiado com uma nova gratificação, o que facilitava os preparativos para as núpcias. De mãos dadas, verbalizou a sua enorme gratidão por aquela a quem aprendera a amar com laços filiais, a mãe que arcara com todos os óbices para fazê-la gente. Emocionada, Felícia escutou sem pestanejar. As palavras ouvidas sufocavam-na de prazer. Criara Anita como a uma filha e por ela lutaria até o fim. A correspondência do afeto, agora reafirmada, compensava a abnegação de uma vida regrada, sem a menor extravagância (Idem, p. 40-41)

Apesar de mostrar um lado íntimo e negativo da cozinheira, Fátima a exalta porque ela é o centro do conto inicial, como também o principal do livro Felícia – novelas (2018). Não os senhores e senhoras de engenho, usineiros ou suas esposas, mas seus serviçais, empregados, são o foco desse conto de Fátima Quintas, onde descreve com primor a intimidade dessa rica propriedade rural pernambucana.

Como podemos perceber, diferentemente das suas crônicas, em que há um hibridismo (mistura) de gêneros literários narrativos (entre conto e crônica), os contos de Fátima são lineares, um tanto tradicionais, sem nuances pós-modernas, o que eu não é uma crítica negativa, mas uma

constatação. Especialmente no livro Felícia- contos, as personagens são angustiadas, introspectivas, com tendências existencialistas (reflexões profundas). As duas personagens principais do livro, em minha opinião, são oprimidas: uma tradicionalmente à sobra do patriarcado, por ser empregada doméstica (Felícia), pobre e analfabeta; a outra, de classe média, independente financeiramente e com nível superior. Catarina, embora autônoma e emancipada, depende emocionalmente dos homens, tendo um final melancólico e solitário. Especialmente esta demonstrando conflitos entre o social e o desejo, as convenções e a identidade, a moral e a felicidade:

Todas as noites vou à varanda e perfilo o cenário que se apresenta. Que importa o palco exterior, se dentro de mim há uma dubiedade incontrolável? O nome demanda uma outra postura permaneço tão igual a mim mesma. Quantas batalhas perdidas? Não mudei nada. A ancestralidade me sufoca. O que se passa diante dos olhos não interfere no meu eu. Preciso me adaptar à realidade do me-ser e conviver com os derredores mais íntimos: chamo-me Catarina, um belo nome. Por que não aceita-lo? Sim, sou Catarina, frágil, tímida, introspectiva. Diferente da minha avó. Sou eu mesma, Catarina (QUINTAS, 2018^a, p. 128).

Num final emocionante do conto e do livro, quando a personagem revela que, finalmente se aceitou, podemos enxergar em Catarina um alter-ego da autora. Com uma diferença: Fátima há muito se encontrou e se aceitou. Intimista, melancólica, reflexiva, mas não intolerante. Ama a tradição, mas está aberta ao novo. Ares aristocráticos, mas atitudes acolhedoras. Delicada, educada, sensível, mas forte e vigorosa. Assim é Fátima na vida e na obra.

REFERÊNCIAS

QUINTAS, Fátima. **Felícia novelas**. Recife: Bagaço, 2018a.

_____. **Tempos perdidos memórias**. Recife: Bagaço, 2018b. ◀

André Caldas Cervinskis é escritor e ensaísta. Autor, entre outros livros, de *Oficinas de corpo*, *Manuel Bandeira*, poeta até o fim e *Ensaio de Circunstâncias*. Mora em Olinda (PE).

Pequenos gestos



O cineasta Billy Wilder e o roteirista I. A. L. Diamond fizeram vários filmes juntos. Mas, com certeza, o trabalho mais curioso da dupla foi a feitura de *The Apartment* (*Se Meu Apartamento Falasse*, 1960).

Wilder tinha visto, anos atrás, o filme do inglês David Lean *Brief Encounter* (*Desencanto*, 1945) e, desde então, uma ideia o perseguia. Na verdade, Wilder não gostava do filme de Lean. Achava-o meloso, naquele estilo “filme pra mulherzinha ver e chorar”, e pior, com uso exagerado de música clássica, no caso, o segundo concerto para piano, de Rachimaninof, que, aliás, outros melodramas de Hollywood também estavam usando. O próprio Wilder, em um de seus filmes, havia já satirizado grosseiramente o uso de Rachimaninof no cinema, colocando algumas tiradas maldosas sobre o compositor russo na voz over do protagonista da comédia *The Seven Year Itch* (*O Pecado Mora ao Lado*, 1955)

A ideia que perseguia Wilder vinha, tão somente, de uma cena particular em *Desencanto*. Num dos últimos encontros furtivos do casal adúltero, Alec e Laura, na Estação de Milford, ele, Alec, convida a amante a ir ao

apartamento de um amigo seu, para um raro momento de amor. O apartamento era emprestado e o amigo estaria ausente naquela noite. Ela, Laura, reluta, mas termina aceitando. Mal o casal se acomoda no apartamento, o

dono por azar chega e...

A Wilder o que interessava era o lance de um apartamento ser emprestado para encontros amorosos. O resto ele jogava no lixo.

Foi então que ligou pra Diamond e o chamou pra conversar sobre essa ideia de bolar o roteiro de um filme que girasse, todo ele, em torno do empréstimo de apartamento para tal finalidade. Como sempre faziam, conversariam, tomariam notas, e escreveriam, primeiramente o argumento, que depois Diamond transformaria em roteiro.

Diamond achou a ideia extravagante e não viu muito futuro no projeto de roteiro.

Diamond – Quem é que vai emprestar um apartamento? E mais pra transas?

Wilder – Vamos pensar, vamos pensar... Te chamei aqui pra isso.

D – E outra coisa: todo mundo vai associar a *Desencanto*.

W – Que nada. O filme de Lean foi esquecido. Está enterrado. E, além do mais, a cena lá é curta e se perde no meio da história toda.

D – E quem é o babaca que dispõe de um apartamento extra pra emprestar a tarados? E por que emprestaria?

W – Vamos supor o seguinte: o cara empresta o apartamento aos colegas de trabalho...

D – Aos colegas de trabalho???

W – Espere. A seus superiores.

D – E por quê?

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Diamond (E) e Wilder (D): ao ver 'Desencanto', diretor bolou a ideia de 'Se Meu Apartamento Falasse' com o roteirista

imagens amadas

Meloso: para Billy Wilder,
'Desencanto' era 'filme
pra mulherzinha ver
e chorar'



▶ W – Visando agradá-los e ganhar promoções.

D – Não é mais lógico que esses superiores, que ganham mais, tenham seus próprios apartamentos extras?

W – Não seria um apartamento extra. Este é o grande lance do filme. Seria o do cara mesmo. O nosso personagem é um pobre coitado que trabalha numa grande firma, cheia de figurões, mas ele é um pequeno funcionário, que não vê jeito de subir profissionalmente, se não for bajulando.

D – Um personagem fraco, que os espectadores vão detestar...

W – Vamos com calma. A gente inventa uma redenção pra ele...

D – Vem cá, o filme de Lean não se chama "Breve encontro" ("Brief encounter")? Quer dizer que tu queres pôr a coisa no plural, "Breves encontros"? Até que dá um bom título!

W – (risos) Depois a gente pensa no título do filme...

D – Mas espera aí. Em que horário do dia ou da noite, esse apartamento é emprestado? O cara não vai dormir na rua, não é?

W – Acho que seria em horário pós-expediente, no máximo até dez da noite...

D – Isso seria em Manhattan, Los Angeles, ou Chicago? Uma

cidade pequena não poderia ser.

W – Manhattan mesmo.

D – E esse cara é solteiro, naturalmente...

W – Claro, se não, como poderia ...?

D – E não tem nem namorada? O pessoal vai querer ver algum romance...

W – Sim, claro. A história que imagino tem tudo a ver com amor, sexo e ambição. Mas quero que fique num meio tom entre comédia e drama. Vamos imaginar que há uma mocinha no trabalho com quem ele pensa que flerta...

D – Por que "pensa"?

W – Porque o nosso cara não é nem bonito, nem conquistador.

D – A mocinha seria uma faxineira...?

W – Não. Deixa eu pensar.

D – Que tal a ascensorista do prédio?

W – É. Pode ser.

D – Estou gostando. É por aí que pode aparecer o conflito que toda história tem que ter. Ele pensa que flerta com ela, mas ela sabe que não. Isto porque ela é, sem ninguém saber, a amante de um dos figurões da firma... Que tal?

W – Humm... Vamos aumentar o tamanho do conflito. De um dos figurões, não. Do maior de todos, do chefe...

D – Que é casado, naturalmente, bem casado, com mulher e filhos...

W – Certo, certo. E por isso mesmo o caso entre ele e a ascensorista é tão secreto.

D – Eu imagino o seguinte:

depois de emprestar o seu apartamento a vários dos seus superiores, vai chegar o dia em que o nosso cara vai ter que emprestar ao tal chefe. É por aí?

W – É. Mas a gente tem que pensar um pouco pra resolver isso.

D – No dia do empréstimo do apartamento ao chefe, o nosso cara vê, de longe, a ascensorista entrando com ele...

W – Não, não. Fica muito óbvio.

D – Ou então assim: depois da transa, ela esquece um objeto que o nosso cara, ao chegar, vai encontrar e vai ficar sabendo que é ela...

W – Pode ser. Mas não vamos ser tão diretos. Outra coisa, o nosso cara não é assim tão íntimo da ascensorista, pra identificar qualquer dos seus pertences. Em princípio, são apenas amigos.

D – Tem razão. A gente podia fazer o seguinte. Vê se dá certo. No encontro do apartamento, ela briga com o tal chefe (inventar briga de amante e homem casado é fácil: deixa comigo) e joga nele o espelho de bolsa que está usando no momento. Na pancada, o vidro racha e ela deixa pra lá. Ao sair, esquece o espelho quebrado. Ao chegar em casa mais tarde (depois de o casal ter saído, naturalmente), o nosso cara encontra o espelho rachado, e – naturalmente, sem conhecer a dona – o entrega a quem? Ao chefe. Numa ocasião posterior, em que, conversando com o nosso cara, ela se maquia com o tal espelho rachado, ele vê a rachadura, e, assim começa o conflito: fica sabendo que a moça com quem flerta é amante do seu chefe. Gostou?

W – Gostei, gostei. Tá bom. Mas vamos arrumar mais as coisas. Digamos que, por ter cedido o apartamento ao chefe, o nosso cara ganhou uma promoção, e, em sua nova sala da empresa, se ajeita para o novo cargo. Enquanto conversa com a ascensorista, em sua hora de folga, experimenta um terno que comprara pra assumir o novo posto, e pergunta ▶

imagens amadas



Do filme de Lean, Wilder extraiu a ideia de um apartamento para encontros amorosos; o resto ele jogou no lixo

▶ a ela se ficou bem nele o novo terno. Ela diz que sim, e dá o espelho pra ele se olhar e confirmar. É aí que ele toma o susto: era o espelho rachado deixado pela amante do chefe: ela.

D – É, melhorou, mas acho que um chapéu novo faria mais efeito que um terno novo, até porque solicita mais o close e, se for o caso, torna a cena mais patética e mais doída.

W – Ok, ok. Vá lá que seja: um chapéu novo.

D – E lá vai um próximo passo, pra aumentar o conflito: o chefe exige exclusividade no uso do apartamento do nosso cara que, sem alternativa, concorda, mesmo sabendo que o chefe vai lá para transar, na sua cama, com a moça que ele, secretamente, ama. Ai, que dor.

W – E vamos ver se a gente inclui uma cena mais dramática.

D – Como o quê? Briga? Tiro? Crime?

W – Não, nada disso. Eu imagino algo assim. Numa noite, no apartamento do nosso cara, o chefe se despede da amante antes do tempo – digamos que seja noite de Natal, ou coisa do tipo – porque tem que estar com a família. Ela, que o ama sinceramente, fica arrasada, ainda mais quando ele lhe dá de presente, não um buquê de flores, mas uma certa quantia em dinheiro. Sem beijos

– por causa do batom dela - ele vai embora e ela, sozinha naquele apartamento estranho, se deprime e engole um frasco inteiro de pílulas pra dormir, que encontra no armário da cozinha.

D – Apaga e quando o nosso cara chega encontra um cadáver na sua cama: a moça do seu flerte morta.

W – Não, não. Não vamos ser tão drásticos. O que ele encontra é o corpo inerte de sua garota amada, que ele a todo custo vai tentar salvar...

D – Mas como?

W – Sei lá. Só sei que ele não pode fazer alarde do problema, pra não contrariar nem comprometer o poderoso chefe.

D – Me parece que a solução é inventar um médico que seja amigo do nosso cara, se possível vizinho.

W – É, acho que tem que ser.

D – E, embora amigo, o médico fica indignado, pois supõe que a vítima era namorada do nosso cara, o qual, ao médico, parece

ser um Don Juan sem vergonha, pois toda noite, do seu apartamento, eles, o médico e sua esposa, escutam os barulhos amorosos dos visitantes da noite, e pensam serem do nosso cara, com namoradas mil...

W – (risos, risos, risos). Ótimo. Mas mesmo assim, ele ajuda a salvar a pobre da moça...

D – Bem, o médico salva a moça, mas, e daí...?

W – Ela fica uns dias com o nosso cara, digo, no seu apartamento; enquanto se recupera, ele faz umas comidinhas pra ela, os dois conversam, etc...

D – Se beijam?

W – Nada disso. Por enquanto, são só amigos, ou colegas de trabalhos unidos por um trágico acidente.

D – E daí, pra onde vamos?

W – Por hoje é só. Deixo o resto contigo. Vê se encontra uma forma decente de terminar, principalmente com uma subida de moral para o nosso cara.

D – Acho que, revoltado com essa safadeza toda, ele vai abrir o jogo com o chefe, e vai deixar o emprego.

W – Que seja. Vai pensar que tu estás sendo pago pra isso.

D – Uma coisa. Já te ocorreu o elenco? Tu sabes que gosto de desenvolver os personagens a partir dos atores. Pra o nosso cara, eu estava imaginando o Jack Lemmon.

W – Claro, tenho ele na cabeça desde que a ideia surgiu. E vou ver se a Shirley MacLaine está livre para fazer a ascensorista. Se tiver sorte, pego o Fred MacMurray pra ser o chefe, mas sei que vai ser difícil o agente dele aceitar esse papel meio canalha pra ele. Enfim, vou ver. Vai fechando o argumento o quanto antes e me manda. E aí te digo quando começar a roteirização. ✖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

Everaldo Dantas

Rotina da pandemia

Irra, rotina medonha,
Essa da tal quarentena
Pelo que até dá pena
A sua face enfadonha!

Não posso sair à rua
Somente lá pra sacada
E depois numa passada
Voltar pr' essa vida crua.

Acordo cedo, cedinho,
Logo faço a toilette
E café, queijo, omelete
Eu preparo com carinho.

A secretária não veio
Tá lá no seu lar também
E da casa o vai-e-vem
Agora, aqui, é do "véio".

Tomando o café do dia,
Assisto ao noticiário
E não ligo a comentário
Pra não ter desalegria.

Depois vou ao gabinete
Fazer uma arrumação,
Ler livro de coleção
Ou até algum livrete.

Escrever uma matéria,
Talvez ainda um artigo,
Reler um livro antigo
Também é boa ideia.

Pertinho do meio-dia
O almoço preparando
Culinária eu vou treinando
Quiçá aprenda algum dia.

Almoço devagarzinho
Que tempo é só o que tenho
Isso percebendo venho
Pois sou inteligentinho.

Após eu tiro um cochilo
Deveras reparador
- O dito restaurador -
Pra poder ficar tranquilo.

Indo pro televisor
A bom filme eu assisto
Não havendo eu desisto

E desenho com fervor.

Uma música na vitrola
Que saudoso eu comprei
Ouço dos meus elepeis
Que foram da radiola.

À tardinha me exercito
Pra não perder a mania
Pois sou de Academia
É isso que está escrito.

Logo depois tomo banho
E sempre com roupas leves
Pra cozinha vou de leve
Com vontade sem tamanho.

Então janto com destreza
Um preparado a meu gosto
Tudo só num prato posto
Parecendo uma beleza.

Terminada a tal janta
Vejo os telejornais
Todos eles bem formais
O que já não me espanta.

Mas até para não surtar
Aquia acolá pego o carro
Volteio pelo meu bairro
E logo volto pro lar.

Assisto a filmes e leio,
Vou às Redes Sociais
- Menos às comerciais -
Isso tudo de permeio.

Pra não sair do normal
Inda tomo o meu vinho
Dedilhando cá o pinho
Neste período anormal.
E pras tantas divisando
A hora de me deitar
Penso que ao acordar
Outro dia vai raiando.

E tornarei à rotina
Dessa tal de quarentena
Que não é muito serena
Mas agora é minha sina!

João Pessoa, 25 de março de 2020.

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



as da Nóbrega



Everaldo Dantas Nóbrega, paraibano de São Mamede, é advogado, jurista, escritor, poeta, cronista e desenhista. É membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ).

Invisível inimigo

Nostradamus o previu,
A Bíblia nele falou,
Raul Seixas o cantou
Mas ninguém jamais o viu.

De repente ele surge
Como se fosse o demônio
E evitar um pandemônio
A nós todos isso urge.

Sim porque a aparição
Dessa coisa piorou
E pandemia virou
Nos causando aflição.

Começou lá pela China,
Adentrou logo a Itália
Chegou à antiga Gália
E o mundo é sua sina.

Ataca principalmente
Idoso, criança, o frágil,
Isso tudo e muito ágil
A plantar sua semente.

Já fez doente e matou,
Implantou o destempero
E também o desespero
Pois a muitos infectou.

Para não o atrairmos
Temos que nos isolar

De início em nosso lar
Para dele assim fugirmos.

E em total quarentena
Temos todos que viver
Enquanto sobreviver
Esse maléfico dilema.

E pra dele nos safarmos
Remédio, vacina não há
Nem outra coisa por cá
Para nós o atacarmos.

Assim cautela nos cabe
Por enquanto, é verdade,
E muita serenidade
Isto para quem o sabe.

O futuro desse inimigo
Verdade que é incerto
Mas nossa luta decerto
Continua, eu o digo.

É só termos paciência,
Fé, esperança também,
Pois é certo que alguém
É profundo na Ciência.

Dois brasis, um Chico César

E stávamos, Wilton James e eu, postos em sossego, numa tarde nada fagueira de 1995, molhando as palavras no quadrilátero etílico que ficava no cruzamento das ruas Estância e Arauá. Mais precisamente no Bar do Caldinho, imortalizado em crônica de Amaral Cavalcante como o “bar dos muito machos”, principalmente devido à culinária pesada e à devoção ao futebol. Certamente o motivo que nos levou até ali fora muito mais suave: colocar em dia o papo, as leituras e as demandas da Livraria Terceira Margem, da qual éramos sócios. Ela ficava na Praça Camerino, na qual figura, de costas para o nascer do sol, a eterna estátua de Silvio Romero.

Mas eis que de repente, não mais que de repente, salta-nos às vistas a figura de Jozailto Lima, então repórter do Jornal Cinform, que me lançou às ouças a seguinte novidade: houvera uma reunião no hebdomadário mais vendido na cidade. Nela, ele convenceu o editor que aquelas páginas não deveriam contemplar somente as mazelas do mundo cão, mas também ancorar outras necessidades da condição humana, tais como as concernentes ao pão da cultura. No frigidar dos ovos: sugerira meu nome à cúpula do semanário para ser o responsável por essa empreitada.

Tinha uns panos na manga pois, entre 1991 e 1993, estive, na condição de um dos coordenadores do suplemento Arte & Literatura, que saía encartado no *Jornal da Manhã*, sob a batuta do saudoso Célio Nunes e do intemorato Paulo Afonso Cardoso da Silva. A diferença é que receberia uns cobres. Deu para ver que o negócio era sério, já que tive direito, inclusive, de assinar a carteira de trabalho – este estranho objeto de desejo no Brasil de hoje, que segue la-

Jeová Santana

Especial para o *Correio das Artes*

Explorei vários aspectos de sua biografia, tais como o fato de ter trabalhado numa loja de discos e livros em sua cidade natal e de ter sido revisor da Editora Abril.

deira abaixo apesar do delírio das “reformas”.

No início, achei que deveria escrever as matérias em casa e levá-las à redação. Ledo Ivo enganoso! Jozailto disse-me:

Isto aqui é um computa-

tas, resenhas, poemas e eventos culturais pela cidade. Numa das primeiras semanas, cometi a proeza de deletar, sem querer, catorze mil caracteres! Solução? Reescrever tudo de novo, é claro. Teclas que seguem!

Ficou bacana, mas havia uma situação menos aprazível: vez em quando sair à rua para fazer entrevista. Isso implicava, no caso de artistas vindos de fora, em

agendar e se
postar
horas
a

fio,
feito
um dois
de paus,
nos sa-
guões dos
hotéis. Mas
houve suas
compensa-
ções, como
os cantores
Zinho e Flávio
José e a atriz
Cristina Pereira.

Foram marcantes, também, duas feitas por telefonemas para o Rio de Janeiro: uma com

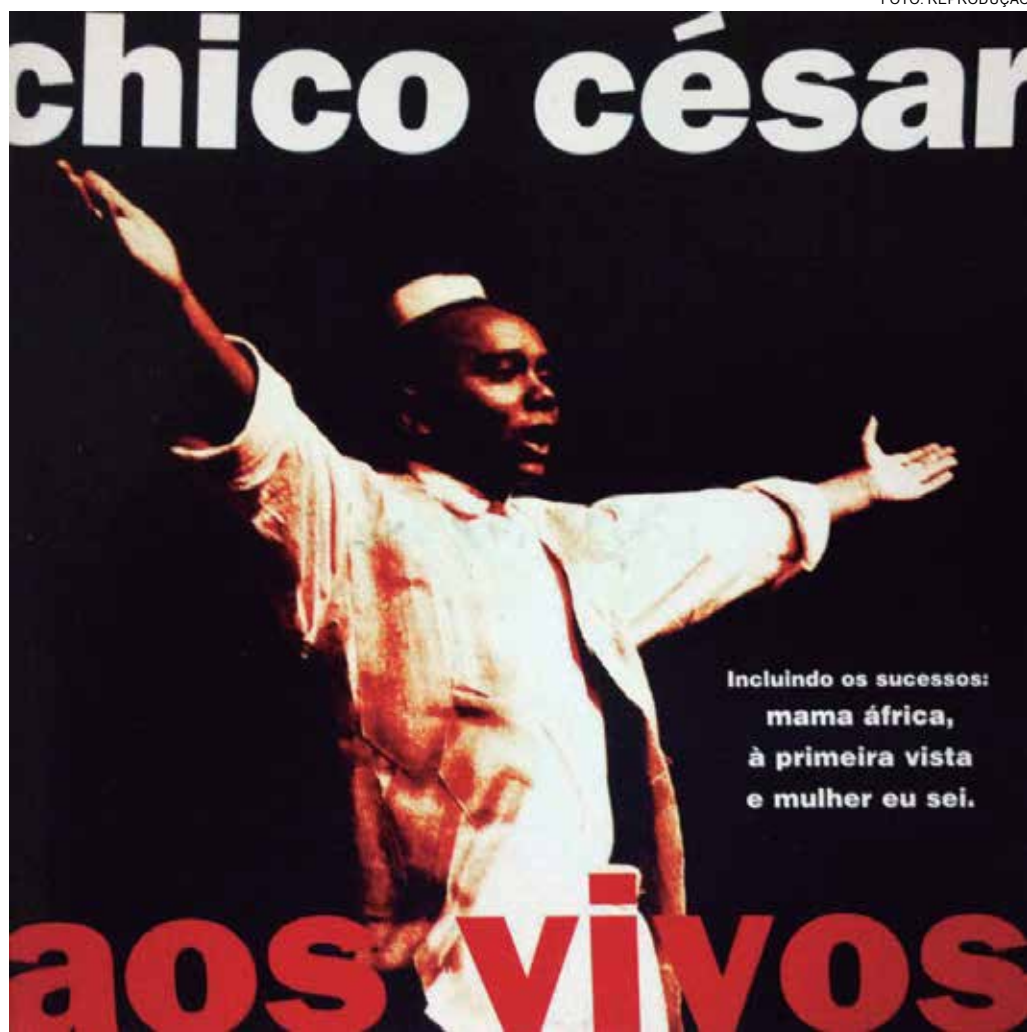
Luciana Hidalgo, autora do livro *Arthur Bispo do Rosário: O Senhor do Labirinto*, publicado em 1996; outra com o jornalista Anselmo Gois: um breve depoimento sobre sua convivência com o poeta Mário Jorge.

De todas elas, contudo, a que mais me animou foi a realizada com Chico César. Do nada, no ano da graça de 1995, surge nos céus do Brasil a voz de um homem pequeno, nascido em Catolé do Rocha, no sertão da Paraíba. Além da performance vocal

e da qualidade das letras, botava na praça um disco ao vivo, procedimento incomum em termos de lançamento, pois gravação “ao vivo” é algo que se faz ao longo da trajetória artística. Ele também passou a imagem de parecer jogar suas letras para o alto e todo mundo querer gravá-las. Assim, quando da sua primeira vinda a Aracaju, em 1996, fui procurá-lo na passagem de som no lendário Teatro Atheneu. Ele me atendeu, mas me recomendou que o procurasse, na manhã seguinte, no hotel onde estava hospedado na orla da Atalaia.

Com a história da sua vida na mão, a entrevista rolou “linda, leve e solta”. Explorei vários aspectos de sua biografia, tais como o fato de ter trabalhado numa loja de discos e livros em sua cidade natal e de ter sido, em São Paulo, revisor de textos da Editora Abril. Além, é claro, da gênese de sua relação com a música, que tem como marco zero a passagem pela banda Jaguaribe Carne, formada, em 1974, pelos irmãos Pedro Osmar e Paulo Ró. Depois do período em que o país ensaiou, no início dos anos 1990, a guinada para transformar a MPB em nichos financeiros como “música baiana”, “pagode carioca”, “sertanejo de rodeio”, “sertanejo universitário” etc, tínhamos em Chico César e Zeca Baleiro e, pouco depois, Lenine, o sentimento positivo que, com esse trio na parada, haveria a continuidade da vertente estética que emergiu dos festivais no final dos anos 1960, por meio de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Sem contar o lastro visceral da contribuição lírica de Vinicius de Moraes e seus muitos parceiros, durante e depois da bossa nova.

Diante de mim, o visual vistoso da trouxa de cabelos firmada no alto do cocuruto, que muitos chamaram de “repolho”. Este aliava-se, no palco e nos discos, a uma indumentária que fazia uma espécie de releitura da saga tropicalista capitaneada por Caetano & Gil no início de suas exitosas carreiras. No primeiro CD, *Aos Vivos* (1995), além do troca-



*'Aos Vivos':
incomum
para a estreia
discográfica de um
artista, disco ao
vivo foi o primeiro
da carreira de
Chico César*

dilho em relação a quem deveria ouvi-lo e o processo de gravação, nota-se o encontro com o imaginário nordestino, bebido nas fontes da oralidade presentes em Luiz Gonzaga e Jackson do Pan-deiro, explícito na linha cordelista de "Beradêro"; o viés renovador da exaltação lírico-amorosa em "À primeira vista" e "Mulher eu sei"; a mescla entre o dançante e a crítica social ao refletir sobre o cotidiano e a diáspora econômica do negro brasileiro em "Mama África". Esta, regravaada no segundo CD, *Cuscuz Clã* (1996), foi elevada à categoria de hit nacional. Sim, "naquele tempo" ainda se ouvia esse tipo de música nas chamadas rádios comerciais.

Hoje, depois de dez CDs (só não tenho o último, *O Amor é Um Ato Revolucionário*, lançado em 2019, à venda somente nos shows) e quatro livros (três de poemas e um, infantil), Chico César continua na linha de frente do que se produz de melhor na música

brasileira, além de militante antenado com as mazelas do nosso tempo. Trata-se de um autor coerente com sua arte. Impensável, portanto, vê-lo figurar na trupe, que foi a Brasília conversar com o "Segismundo dos trópicos", tendo na pauta o fim do direito à meia-entrada; muito menos a assinar embaixo dos discursos fascistas, machistas e misóginos que campeiam por aí. Nesse caso, sabe-se que só há um lado certo na história: a luta sem trégua contra a opressão.

A entrevista também foi pausada por certo temor diante do suporte que a movia: o lendário gravador de fita. Era necessário ficar com um olho no entrevistado e outro no bicho. Primeiro, porque a fita podia enrolar a qualquer momento. Segundo,

para mudá-la de lado sem perder o fio do pensamento do entrevistado. Ao fim e ao cabo, deu tudo certo. A entrevista foi publicada (com a referência aos versos "Os olhos tristes da fita", de "Beradêro", no primeiro parágrafo), a vida tomou outros rumos, o país idem. Fico feliz em saber que, 24 anos depois, o artista que iluminou minha condição de aprendiz de jornalista continua em estado de poesia e, com a peixeira incisiva dos seus versos, lixa o paredão de absurdos em que se tornou o Brasil. ✦

Jeová Santana é professor na rede pública de Aracaju e na UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas. Autor de *Dentro da casca* (1993), *A ossatura* (2002), *Inventário de ranhuras* (2006), *Poemas passageiros* (2011) e *Solo de rangidos* (2016). Mora em Aracaju (SE).

Raul Seixas e os paraibanos:

FÃ DE JACKSON,
AMIGO DE ZÉ RAMALHO
E POLÊMICA COM NÊUMANNE

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

O “maluco beleza” Raul Seixas não é apenas uma das maiores referências da música brasileira e o maior nome do rock nacional, tendo antecipado a fusão do rock’n’roll com os ritmos nordestinos dezenas de anos antes do surgimento do movimento Mangue Beat. Também é autor de hits clássicos como “Ouro de tolo”, de parcerias memoráveis e polêmicas, como a com Paulo Coelho, e compositor de diversos sucessos que ainda hoje fazem a cabeça dos apaixonados pela música brega. O livro *Raul Seixas: Não Diga Que a Canção Está Perdida* (Todavia, 2019), de Jotabê Medeiros, narra toda essa trajetória do criador da “Sociedade Alternativa”. Em suas mais de 400 páginas, a obra mostra, também, as relações de Raul Seixas com jornalistas e artistas paraibanos. ▶

▶ Isso mesmo! O livro de Jotabê Medeiros mostra como Raul Seixas teve relações importantes em sua trajetória artística com nomes como Jackson do Pandeiro e Zé Ramalho, além de ter gravado Zé do Norte, citado Genival Lacerda em uma canção e travado uma polêmica com o jornalista José Nêumanne Pinto. Com uma base filosófica muito forte, base essa que seria utilizada em suas letras visionárias e reflexivas, Raul Seixas, ao revelar suas influências, já começa citando um paraibano, o poeta Augusto dos Anjos: “Minha infância foi formada por, vamos dizer, um pessimismo incrível, de Augusto dos Anjos, de Kafka e Schopenhauer”, disse em entrevista ao Pasquim, reproduzida por Jotabê em sua obra.

Antes de se tornar o maior nome do rock nacional de todos os tempos, Raul Seixas trabalhou como produtor em algumas gravadoras e na época, mesmo tendo apostado em grandes nomes populares, como Diana, Odair José, Jerry Adriani e outros, não deixou de pensar no conceito que pretendia usar em sua música. Neste “conceito”, um nome era fundamental para Raul: o do paraibano Jackson do Pandeiro, um de seus ídolos. Ao saber que Jackson do Pandeiro estava sem gravadora e dava “mole” nos estúdios do Rio, Raul foi até ele e o convidou, a ele e ao seu conjunto Borborema, para participar da gravação de “Let me sing, let me sing”, música defendida pelo cantor baiano no VII Festival Internacional da Canção, em 1972.

Segundo lembra Jotabê Medeiros, 12 anos antes dessa gravação, Jackson do Pandeiro gravara a síntese daquela que parecia ser a ambição conceitual de Raul: “Chiclete com Banana” (Gordurinha e Almira Castilho). “Na canção, além do debate de assimilação cultural, já aparecem ter-

Doze anos antes de Jackson do Pandeiro gravar com Raul Seixas “Let me sing, let me sing”, o paraibano gravara a síntese daquela que parecia ser a ambição conceitual do baiano: “Chiclete com Banana”

mos como ‘samba rock’ e ‘bebop no meu samba’, o tipo de hibridismo que interessava a Raul”, explica, acrescentando um breve perfil do paraibano: “Jackson do Pandeiro, um herói franzino, gaiato, de bigodinho de Adoniram, camarada que o povo às vezes chamava de Zé Jack, tocava habitualmente como instrumentista de estúdio para segurar a barra daqueles anos difíceis. (...) Ali nos estúdios, quem o conhecia sabia do privilégio que era ter Jackson do Pandeiro como ritmista numa gravação. Um dia quando o cantor Benito Di Paula chegou ao estúdio para gravar, deu de cara com Jackson, escalado para acompanhá-lo. Como não tinha conhecimento daquilo, ficou emocionado, trêmulo, não sabia o que fazer defronte ao ídolo, chegando às lágrimas ao abraçá-lo. Mas Raulzito sabia perfeitamente em frente de quem estava, o fabuloso compositor de 426 clássicos da música brasileira, o lendário Rei do Ritmo. Ele voltaria a convocar o paraibano para outras aventuras musicais, como na gravação de ‘O Homem’, do disco *Há 10 mil anos atrás* (Philips/Universal Music, 1976)”.

Em meados dos Anos 1970, Raul Seixas travou uma polêmica na imprensa com o jornalista paraibano José Nêumanne Pinto, natural de Uiraú-

Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho e José Nêumanne (em sentido horário): paraibanos que cruzaram o caminho do “maluco beleza”



na, mas radicado em São Paulo. Nêumanne era crítico de música do jornal Folha de S. Paulo e fez um artigo cheio de críticas ao cantor baiano. Disse o jornalista no artigo: “Afinal de contas, é preferível o Raulzito autor das baladas de Wanderley Cardoso, Jerry Adriani e Renato e seus Blue Caps ao Raul Seixas metido a filósofo encarapuçado de gênio, tendo como credenciais o orgulho da baianidade e da bagagem de uma pretensão inexplicável para um rapaz da sua idade e com seus curtos conhecimentos culturais”.

E acrescentou: “Você precisa ouvir umas verdades, Raulzito. Não pense que você é um gênio. No Brasil existem muitos bons compositores e letristas, mas certamente você não está entre eles só porque pertence a mesma gravadora deles. Eu sei que há mais gente culpada pelo que você passou a ser do dia para a noite, Raulzito. Existe toda uma mentalidade estratificada em busca de deuses frágeis como você”.

Jotabê Medeiros detalha que no dia seguinte a publicação do artigo, Raul resolveu responder. A carta-resposta seria publicada três dias depois, em 10 de junho de 1973, num texto ponderado. Disse Raul: “Em momento algum eu neguei as músicas que fiz para Jerry Adriani e Renato. Pelo contrário, sem aquele tipo de vivência talvez não tivesse hoje a maleabilidade musical que me é tão necessária para falar com as mais variadas espécies de público. Bob Dylan é exatamente o que você diz, um grande sujeito. Deflagrou um estilo, assim como Edith Piaf, Nelson Gonçalves, Beatles, Jesus Cristo, Aristóteles. Mas as coisas se sucedem, e só porque a Lua cismou de passear pelo céu ninguém vai dizer: Olha, está imitando o Sol! E com meus brilho”.

Como Zé Ramalho, a relação de Raul Seixas foi longa e cheia de afetos. Na gravação da música “Eu sou eu, nicuri é o diabo” os músicos eram arregimentados na hora, e o produtor do fonograma na gravadora pegou um jovem músico de 23 anos,

paraibano de Brejo do Cruz, que tinha vindo participar de uma gravação, para tocar violão base acompanhando Raul. “Ninguém ainda conhecia o jovem como Zé Ramalho. Mas Raul foi com a cara dele. Elogiou todos os músicos que participaram da gravação, mas deteve-se um tempo mais conversando com Zé. Elogiou a base que fizera e lhe deu um exemplar da revista Billboard de presente”, observa Jotabê.

Tempos depois, em 1984, após uma briga feia com Kika Seixas, sua esposa na época, em que foi expulso de casa, Raul baixou no apartamento de Zé Ramalho, no Leblon, para pedir abrigo. Segundo Jotabê, Raul chegou na sexta-feira à noite com um garrafa de champagne e duas garotas de programa e ficou três noites, só saindo na segunda.

“Nesses dias, o que mais fizeram Raul e Zé foi tocar violão e cantar juntos. Raul chegara praticamente sem nada, sem bagagem. Numa das manhãs, o baiano vestiu uma das calças de Zé Ramalho e desceu do prédio para comprar medicamentos na Farmácia Piauí, que ficava em frente ao edifício onde Zé morava. O balconista da farmácia, vendo Raul Seixas entrar às sete horas da manhã com uma calça que parecia lona de circo armada (Zé Ramalho tem 1,83 metro e Raul tinha 1,70) e pedir um vidro de Reactivan, as sandálias saindo do pé (Zé calçava 41 e Raul 37) ficou entre divertido e estupefato. Começaram, Raul e Zé, a fazer planos de gravar um disco juntos nos próximos anos, coisa que nunca ocorreu”, narrou Jotabê.

Esse disco em parceria, de fato, nunca veio, mas no futuro Zé viria a realizar o sonho de homenagear Raul Seixas. Em 2001, lançou *Zé Ramalho canta Raul Seixas* (Ariola), trabalho que lhe rendeu discos de ouro. “Posso afirmar que tive algu-

ma influência de Raul Seixas em algumas das minhas músicas. Não especificamente em ‘Avohai’, nem em nenhuma música de meu primeiro disco, mas ele aparece em algumas canções dos álbuns dos anos 1990”, afirmou Zé.

Outro paraibano acabou integrando o repertório de Raul Seixas. Isso aconteceu com a música “Lua Bonita”, inserida no disco *A Pedra do Gênesis*, composição do paraibano de Cajazeiras, Zé do Norte, em parceria com Zé Martins. A música foi gravada originalmente por Zé do Norte para a trilha sonora do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, premiado no Festival de Cannes nos anos 1950.

“Poucos contribuíram tão decisivamente para a difusão da cultura nordestina quanto este cantor, Zé do Norte, que nasceu em Cajazeiras em 18 de dezembro de 1908 e, semianalfabeto, migrou para o Rio de Janeiro em 1926, ao completar 18 anos. Também na trilha de *O Cangaceiro*, Zé do Norte lançou ‘Mulher rendeira’ para o mundo. ‘Lua Bonita’ não foi a primeira canção de Zé do Norte gravada por Raul. Em 1992, quando saiu o álbum póstumo *O Baú do Raul* foi resgatada uma gravação de 1964, na qual Raul interpretava Mulher Rendeira em um pot-pourri acompanhado por The Panters”, historia Jotabê.

Enfim, a presença de paraibanos na música de Raul Seixas é muito forte e justificada num trecho de “Rock’n’rooll”, música autobiográfica que está no disco *A Panela do Diabo*. Diz o trecho: “Há muito percebi que Genival Lacerda tem a ver com Elvis e com Jerry Lee”. Sim, e todos têm a ver com Raul Seixas. Ou Raul com todos eles. ❖

Linaldo Guedes é poeta paraibano. Publicou “Os zumbis também escutam blues” (1998), “Intervalo Lírico” (2005), “Metáforas para um duelo no sertão” (2012) e “Tara e outros otimismo” (2016). Reside em Cajazeiras, Paraíba.

Peso de menino e jeito de homem

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

Tudo o que “cê” faz nessa vida
Ecoa pela eternidade
Inclusive o silêncio
Inclusive vaidade

Na vida não se aprende nada
É tudo parceria companheiro de estrada
Na vida não se aprende nada
É achar a sua metade na polifonia

É achar um sentido, um trabalho, uma escada
Um cachorro, uma música
E claro, a namorada

Na vida não se aprende nada
Só reconhecer que alguma tá errada
Na vida não se aprende nada
Uma busca incessante até não faltar mais nada

Agora eu decidi ser feliz
Mas meus horários continuam os mesmos
Já tomei uma decisão:
- Eu acho que eu não sei não!
Mas perto de Deus e longe dos meus
Aprendendo a voltar pra casa
Eu tenho peso de menino e jeito de homem

COMPREENSÃO

O eu lírico relata que tudo feito em vida tem um efeito, ou seja, repercute prescindindo de qualquer determinação cronológica. Ele cita o “silêncio” e a “vaidade” de modo inclusivo. Exemplo: “Tudo que cê faz nessa vida / Ecoa pela eternidade / Inclusive o silêncio / Inclusive vaidade”.

Na sequência, ele diz que em vida não se adquire aprendizagem, exemplificando duas situações. Na primeira, o eu lírico fala sobre alcançar um objetivo em comum, em companhia. Na segunda situação, é

achar a sua “metade” em uma combinação simultânea de várias melodias. Exemplo: “Na vida não se aprende nada / É tudo parceria companheiro de estrada / Na vida não se aprende nada / É achar a sua metade na polifonia”.

É nítida a metáfora que ele faz da vida ter algum propósito com uma atividade profissional, meio pelo qual alguém

pode ter algo que almeja, crescer como pessoa, criar seu cão, ouvir a música favorita e encontrar a companheira. Exemplo: “É achar um sentido, um trabalho, uma escada / Um cachorro, uma música / E claro, a namorada”.

Mais uma vez, ele cita que em vida não se adquire aprendizagem e expõe duas situações. Na primeira situação é admitir algum erro cometido. Na segunda situação, mostra a obstinação de uma busca constante até encontrar algo que o complementa. “Na vida não se aprende nada / Só a reconhecer que alguma coisa tá errada / Na vida não se aprende nada / Uma busca incessante até não faltar mais nada”.

O eu lírico diz que, mesmo decidido ser feliz, sua rotina continua a mesma. Apesar de se dizer determinado, continua indeciso ao mesmo tempo. Exemplo: “Agora eu decidi ser feliz / Mas meus horários continuam os mesmos / Já tomei uma decisão: / - Eu acho que não sei não!”.

Como uma forma de resiliência da alma com Deus e recomeço, o eu lírico sai da zona de conforto e do seio da família, como uma forma de aprender a andar com suas próprias pernas. Exemplo: “Mas perto de Deus e longe dos meus / Aprendendo a voltar pra casa”.

Em sua visão, “peso de menino e jeito de homem” seria a forma tão complexa de se mostrar ao mundo com a leveza de um menino e o olhar de um homem diante das vicissitudes. Fazendo uma analogia com Machado de Assis no capítulo XI de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “o menino é o pai do homem”, procura transmitir a ideia de que o adulto já estava presente no menino ao executar esse encontro. ✖

FOTO: EDSON MATOS



Pedro Faissal, o frontman do grupo MeioFree, que lançou a canção 'Peso de menino e jeito de homem'

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da rádio Tabajara FM com o quadro “Eu Lírico” (2018-2019).



127
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do mundo.

São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 127 anos de história.

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornalauniao@gmail.com

Peça seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@epc.pb.gov.br

Faça sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162